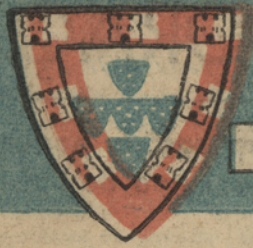


# FOLHA PORTUGUESA



PORTA-VOZ DA COLONIA PORTUGUESA DO BRASIL

Fundador: MARIANO DE CANENA

N.º 1 S. PAULO, 21 DE MARÇO DE 1956 N.º 1

## DEFINIÇÃO...

É natural que o leitor, ao primeiro relance de olhos procure uma explicação para o lançamento de um novo jornal, pretendendo ser o porta-voz da colônia portuguesa do Brasil. É lógica, portanto, uma definição. É necessária.

Sem compromisso com o Governo Nacional, com grupos ou partidos políticos, este jornal se propõe ser o baluarte defensivo da colônia portuguesa do Brasil. Empunhando a bandeira Pátria — como patriotas que somos! — com fronte alviva, marcharemos unidos com todos os portugueses, sem distinção de classe, sem separação de ideologias político-religiosas, em busca do reconhecimento dos direitos que nos assistam, sem esquecermos nossos deveres para com o povo brasileiro, com o Brasil, que democraticamente nos abriu suas portas e liberalmente nos acolheu.

Tudo faremos para honrar Portugal, prestigiando o Brasil, nossa segunda Pátria.

## A "FOLHA PORTUGUESA" AO LADO DO CAMPEONÍSSIMO:

Vamos  
Dar  
ao



Futebol Clube do Porto  
as «Faixas de Campeão»

PAG. 5

UM SONHO  
TORNADO  
REALIDADE

Pinheiro Junior incisivo:

# EQUIPARARIA

## OS DIREITOS DE PORTUGUESES E BRASILEIROS

### SE LEGISLADOR FEDERAL

Sobre o regime de Salazar: «Uns o censuram. Outros o aplaudem. A verdade é que Portugal está vivendo uma vida de padrão muito mais alto do que outros povos, «prova de que o regime é bom». Evidente simpatia do deputado pela nação lusa.

Texto de CELSO FARIA  
Fotos de WILSON FONSECA  
(Texto na página 2)



Pinheiro Junior um dos mais combativos deputados da Assembléia Paulista

VITORIOSA UMA INICIATIVA DE PORTUGAL:

## Constituída a Associação Interafricana de Café

O projecto vai ser assinado pelos governos dos países participantes — Comparece ao conclave o observador do Brasil, sr. Teófilo de Andrade — (Texto na pág. 8)

Raul Motta à "Folha Portuguesa":

«Pretendo Radicar-me no Brasil  
Pois Aqui Tenho Conseguído  
Exito em Todas as Minhas  
Atividades»

Vencedor de um concurso de amadores — "Volta ao Mundo", seu maior sucesso — Brasil, sua segunda pátria — Dono de uma garagem e contratado das Emissoras Associadas

(2º CADERNO)



PAG. 7



Terão agora os "Tripeiros" a sua CASA DA SAUDADE do Porto  
Unidos os portuenses à volta da CASA DO PORTO.  
Em breve a primeira reunião dos seus sócios fundadores.

PAG. 4

## Portugal x Turquia

ISTAMBUL, 20 (ANI) — A seleção turca de futebol que vai defrontar domingo a seleção portuguesa, deve partir de avião, hoje, para Lisboa. No mesmo avião, talvez partam os componentes da equipa militar que tomará parte no torneio militar que se realizará em Portugal de 1 a 8 do mês próximo.

## Assoc. Portuguesa do Canadá

MONTREAL, 20 (ANI) — Uma Associação Portuguesa no Canadá acaba de ser fundada, com o apoio de entidades oficiais canadenses e consulares portuguesas. A Associação tem por objetivo, além do estreitamento dos la-

ços de amizade luso-canadense, promover a reunião de todos os portugueses do Canadá e a realização de iniciativas de carácter cultural e artístico.

A Cia. Antártica e os Portugueses:

## Expressiva Homenagem à CASA DE PORTUGAL

Funcionários portugueses da Cia. Antartica Paulista confraternizam-se com a Casa de Portugal — A entrega de simbólico pergaminho — Presente o Consul de Portugal e o dr. Walter Belian — (Texto na 4.a página)

PORTUGUESES DE SÃO PAULO  
31 DE MARÇO

no Teatro Colombo  
Ao Festival Artístico da

FOLHA PORTUGUESA

LEIA NA PÁGINA 2



LOUSÃ



A FOLHA PORTUGUESA circulará às quartas e sábados

PORTUGAL RETORNA A TRADIÇÃO DE SUA ORGANIZAÇÃO SOCIAL:

## A ASSEMBLÉIA NACIONAL APRECIA A LEI QUE CRIA AS CORPORAÇÕES

De acôrdo com a Constituição, Portugal é uma República Corporativa — As corporações portuguesas são independentes do Estado — Salazar pretende com aquela lei a construção dum tipo de sociedade de influência cristã

PAG. 2

DESPORTOS

Em Portugal

PORTO 3

X

CALDAS 3

(2º CADERNO)



Reflexos de recente exposição

HIGIENIZAÇÃO DO LEITE

Fotografias e gráficos mostram o desenvolvimento da campanha para melhoria da qualidade do leite — Presentes altas autoridades — "A higiene da produção é, por assim dizer, o pressuposto irrecusável do abastecimento de leite higiênico", declarou o dr. Emiliano da Costa, superintendente da campanha

A Direção-Geral dos Serviços Pecuários organizou uma exposição na qual, através de fotografias e gráficos, se explica o que tem sido feito para melhorar a qualidade do leite fornecido ao público de Lisboa e dos concelhos limítrofes, combatendo a incúria e a falta de higiene e criando novos hábitos e aspectos.

apresentado em más condições se misture com o leite limpo; transporte rápido dos postos de recolha até os postos de concentração, onde o leite é novamente inspecionado, arrefecido e filtrado; e, finalmente, dentro de algum tempo, a pasteurização e a distribuição domiciliária em garrafas.

Falaram, depois, os srs. drs. França e Silva e Charles Hyson.

O sr. subsecretário de Estado da Agricultura evidenciou, por fim, a importância do trabalho desenvolvido pela campanha de melhoramento da qualidade de leite e chamou a atenção para o facto de se haver conseguido nos últimos anos, mercê da criação das cooperativas e da introdução de técnicas modernas e divulgação das práticas de higienização, desde o produtor ao distribuidor, proporcionar à capital um leite de qualidade muito superior ao que se bebia.

Durante a visita, o sr. dr. Emiliano da Costa, que superintende na campanha de melhoramento da qualidade do leite, prestou esclarecimentos, salientando que, se alguma coisa existe de fundamental e basililar que seja por assim dizer o pressuposto irrecusável do abastecimento de leite higiênico, isso será, sem sombra de dúvida, a higiene da produção.

GRANDE FESTIVAL ARTÍSTICO DA «FOLHA PORTUGUESA»

A FOLHA PORTUGUESA, consciente do seu papel de formador e incentivador das atividades portuguesas no Brasil — razão do seu nascimento e da sua luta, que será constante e firme, como convém a todo o jornal português que se preze — fará realizar, no próximo dia 30, pelas 20 horas, um grandioso festival artístico, que contará com os mais populares nomes do teatro e do rádio luso-brasileiros.

Nascendo agora, sente a FOLHA PORTUGUESA essa necessidade de relações públicas mais estreitas e frequentes, mais verdadeiras e firmes: e aqui estamos nós nessa tarefa duplamente agradável de oferecer estima em troca de estima.

sua saúde e da qualidade e higiene do leite, tendo dirigido agradecimentos ao chefe da missão norte-americana e seus colaboradores. Por fim, felicitou os técnicos que trabalharam na campanha e evidenciou o aspecto de especial interesse da cooperação das diversas direcções-gerais do seu subsecretariado com a Direcção-Geral de Saúde.

Pinheiro Junior incisivo:

SE LEGISLADOR FEDERAL EQUIPARARIA OS DIREITOS ENTRE PORTUGUESES E BRASILEIROS

Sobre o regime de Salazar: "Uns o censuram. Outros o aplaudem. A verdade é que Portugal está vivendo uma vida de padrão muito mais alto do que outros povos, "prova de que o regime é bom." Evidente simpatia do deputado pela nação lusa.

O parlamentar Pinheiro Júnior, da bancada do P. S. D. na Assembléa Legislativa Estadual é um dos poucos representantes do povo que tem se havido condignamente no exercício do mandato. Esse homem culto, dinâmico e sobretudo honesto, conhecedor profundo das agruras e problemas com que se

Texto de Celso Faria Fotos de Wilson Fonseca

embate a população de S. Paulo, concedeu a este bi-semanário entrevista abordando entre outros assuntos as relações luso-brasileiras.

Fomos encontrá-lo no Palácio 9 de Julho em plena atividade, discursando brilhantemente em defesa de uma das múltiplas questões a serem resolvidas a favor de seus eleitores. Num dos intervalos dos debates, fomos gentilmente atendidos na "sala do café" por esse ilustre deputado.

A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA

Sobre o importante assunto da imigração portuguesa, assim exprimiu-se: — «O Brasil muito deve a Portugal. Primeiramente porque foi o país que nos descobriu, que nos ensinou a dar os primeiros passos e iniciou-nos na cultura mais tarde desenvolvida pelas nossas próprias forças. Outrossim, a imigração portuguesa foi-nos de grande vantagem, dando-nos um impulso muito grande no sentido económico com a pujança e espírito de luta de seus emigrantes, sempre imbuídos do fito de progredir, trazendo consequentemente um progresso à nossa nação. Os portugueses que aqui se radicaram, indiscutivelmente são grandes incentivadores de todos os ramos de atividades: a lavoura, o comércio, a literatura, a indústria, receberam o seu impulso benéfico e constructivo.

Oxalá todas as raças que aqui estão radicadas dessem os sadios exemplos de probidade e de amor à segunda pátria que elegeram: o Brasil.

SÓBRE O REGIME DE SALAZAR

Continuando a palestra, o deputado Pinheiro Jr. estendeu-se em considerações sobre o atual regime político de Portugal: o de Salazar.

— «Sobre o regime de Salazar muitas discussões têm surgido entre nós. Uns o censuram. Outros o aplaudem. A verdade é

Portugal retorna à tradição de sua organização social:

A ASSEMBLÉIA NACIONAL APRECIARÁ A LEI QUE CRIA AS CORPORAÇÕES

De acôrdo com a Constituição, Portugal é uma República Corporativa — As corporações portuguesas são independentes do Estado — Salazar pretende com aquela lei a construção dum tipo de sociedade de influência cristã.

LISBOA, 17 (ANI) — Segundo foi hoje anunciado em conferência de imprensa pelo ministro das Corporações, dr. Velha de Macedo, vai ser apreciada na Assembléa Nacional a lei que cria as corporações em Portugal.

De acôrdo com a constituição nacional, Portugal é uma república unitária e corporativa. Como república unitária, o país continua uma tradição que o diferencia da maior parte dos países da Europa, devido à sua especial feição democrática, que nunca admitiu divisão do

território em feudos de nobres. Como república corporativa retorna a tradição de organização social de que durante mais de cem anos esteve afastado, mas adequando-a às condições sociais e económicas dum país moderno.

O doutor Oliveira Salazar, cuja política é sempre muito cautelosa, para não dar passos em falso, demorou mais de vinte anos entre as primeiras leis de organização corporativa e o projeto relativo à organização das corporações.

O país dispõe já dos organismos basilares do corporativismo: algumas centenas de sindicatos (associações de trabalhadores), muitos dos quais agrupados em federações e uniões; mais de duzentos e cinquenta grêmios (associações de empresas de comércio e indústria); duzentos e trinta grêmios de lavoura (associações de agricultores). Ao lado destas instituições há as casas do povo, que são coletividades de cooperação e assistência nos meios rurais, casas de pescadores, que exercem ação identicamente os

60.000 trabalhadores que vivem da pesca. Integrando todas estas instituições e outras de âmbito moral e cultural, como sejam, por exemplo, as universidades, as corporações virão a constituir uma organização integral das atividades. Estarão representadas numa Câmara Corporativa que já funciona com delegados de atividades que virão a ser integradas no esquema das corporações.

As primeiras corporações a criar são as da lavoura, indústria, comércio, transportes e turismo, crédito e seguros, pesca e conservas.

Ao contrário das experiências que têm sido tentadas noutros países — e apesar da identidade de nome — as corporações portuguesas são independentes do Estado. Representam uma organização das atividades do país em regime de livre autonomia e autodireção. O Estado apenas controla e quando se levantam questões, por exemplo

entre empregadores e empregados, intervém como árbitro. Neste ponto as corporações portuguesas são completamente diferentes das associações do corporativismo italiano que não eram senão agentes dum Estado totalitário. O presidente Salazar — que define o seu regime como democracia orgânica — pretende dar com a lei das corporações um dos passos mais importantes na construção dum tipo de sociedade de influência cristã e bem caracteristicamente popular. Espera-se no entanto que na Assembléa Nacional venha a discutir-se se no tipo de cada corporação devem predominar as "grandes atividades nacionais" ou, mais limitadamente, os diferentes "ramos económicos". O governo do doutor Oliveira Salazar apresenta a primeira solução, mas pode bem acontecer que a Assembléa Nacional venha a fazer prevalecer a segunda.

dos últimos dois anos as condições turísticas da serra da Estrela sofreram tais alterações que é licito supor, para breve, uma modificação importante nas suas ligações com Lisboa. A abertura da estrada de S. Romão-Torre, completada há meses, permite pensar nas possibilidades enormes que se oferecem, de Verão e de Inverno, ao acesso ao planalto dos 2.000 metros e a todo o maciço central, com a vantagem, sobretudo, de assegurar definitivamente a organização dum centro de desportos da neve — sonho dos esportadores e aspiração das entidades ligadas ao turismo de alta montanha.

A instalação ali dum posto oficial de radar, com vários edifícios e meios de comunicação, vida própria e permanente de afluído número de pessoas, abriu ainda mais amplas perspectivas. E agora, que já se vêem erguidas as edificações, cujas obras estão adiantadas e das que a zona, há pouco deserta, promete a animação, não restam dúvidas sobre o que, dentro de poucos anos, será a serra da Estrela como centro de turismo.

Até agora, desde há vinte e cinco anos, só havia um acesso prático para o grande movimento no período das neves: a estrada da Covilhã até às Penhas da Saúde, na cota de 1.500 metros. Atualmente, é possível chegar à cota máxima — 2.000 metros — rápida e confortavelmente, em automóvel, em vez de caminhar duas horas a pé pela célebre vereda do Espinho do Cão. Isto quer dizer que os turistas de Lisboa e do sul do País, em vez de tomarem o caminho de Abrantes, Castelo Branco, Fundão e Covilhã, seguem por Coimbra, passam na estrada da Beira, atravessam Seia e não param senão nas proximidades da Lagoa Comprida ou mesmo à beirinha das pistas do vale cíclico de Loriga, à vista da torre — não a geodesica, que substituiu o cruzeiro, mas a torre de Radar.

Os hábitos da vida e as novas possibilidades da gente do hoje garantem abundância de visitantes à serra da Estrela. Há pouco mais de vinte anos, quando apareceram as primeiras notícias sobre o esquí em Portugal, a Covilhã foi invadida por uma verdadeira avalanche de turistas. Encheram-se todos os cantos em que era possível dormir e comer — até nos quartos do hospital se alojaram excursionistas. E nas dez léguas em redor bateu-se à porta de todas as hospedarias.

Os meios de alojamento melhoraram imensamente. Triplicou o número de pensões e restaurantes. Mas, além disso, não faltarão, com certeza, novas iniciativas hoteleiras nos sítios ensolhados dos 1.800 metros de altitude, em volta das pistas da neve e sobranceiros ao horizonte deslumbrante do sul, pela encosta dos Cantaros ou do Terreiro, onde a vida oferece aliantes perspectivas. Isto é o que se verifica em todos os recantos privilegiados do Mundo. Por que não acontecerá em Portugal, tanto mais que não falta boa estrada, a água está explorada e a energia elétrica chega mesmo à porta?

O turismo nacional muito vai beneficiar dos serviços do Ministério da Defesa e do posto de Radar na serra da Estrela. — Quer pelo norte, quer pelo sul. De que lado é que o turismo aproveitará mais e melhor? Isso é o que falta saber. Esperemos que a Covilhã se pronuncie através dos seus organismos oficiais que dispõem de recursos financeiros destinados a este fim turístico, e através da sua iniciativa particular que é tradicionalmente generosa e também dotada de largas possibilidades materiais.



CABECA DO VELHO SERRA DA ESTRELA



O parlamentar Pinheiro Junior falando a nossa reportagem.

que Portugal está vivendo nesta conjuntura uma vida de padrão muito mais alto e confortável do que outros povos do universo. Sua moeda, o escudo, mantém-se sólida, a exportação portuguesa tem aumentado e isto vem comprovar que o regime está sendo benéfico.

INTERCÂMBIO CULTURAL E ECONÓMICO

Abordamos, a seguir, qual a sua opinião sobre as relações e intercâmbios entre as duas nações, Brasil e Portugal.

Assim exprimiu-se o deputado:

— «O intercâmbio, de maneira generalizada, entre Brasil e Portugal, data desde a Independência. Desde aquela época as melhores relações foram mantidas entre os dois países amigos, unidos entre outras coisas pela língua e pelos costumes, não havendo portanto razão para que não se estabeleça um intercâmbio constante baseado nos melhores entendimentos de amizade e simpatia.

LEIS DE EQUIPARAÇÃO DE DIREITOS

Pinheiro Júnior tem em

CENSO DO CEGO

Form for the 'Censo do Cego' (Blind Census) with fields for Name, Address, City, Informant Name, and City, followed by a note to send the form to Prof. Lella Vellini Achon.

FOLHA PORTUGUESA EXPEDIENTE

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS Rua dos Andradas, 241 - Telefone 37-1511 (Rede Interna) SÃO PAULO

Fundador: MARIANO DE CANENA Director: IRINEU JOAO SIMONETTI Representante no RIO DE JANEIRO J. M. FERREIRA

Rua do México, 111 — 16.º — Sala 1.694 — Tel.: 42-6204 DELEGAÇÃO DE LISBOA JOÃO CANENA

Trav. Henrique Cardoso, 35 — 2.º — Dto. — Tel.: 76-2036

PROCURA INCUTIR-SE NA GENTE PORTUGUESA O HABITO DE BEBER LEITE

O sr. dr. Emiliano da Costa expôs, a seguir, como se procura alcançar aqueles objetivos: recolha rápida do leite através de cerca de 250 postos espalhados pela zona de produção; separação do leite suspeito, feita nesses postos, por forma a evitar que o leite



TEMAS CULTURAIS

JORNALISMO E CULTURA

por AMORIM DE CARVALHO

Tenho estado a fazer jornalismo? Em que medida o jornal é um órgão de cultura? Quantos leitores têm estes meus temas e os temas análogos que outros publicam em jornais?

Estas perguntas põem-me em face dum delicado problema — o próprio problema do jornalismo — e levam-me a formular nova pergunta: em que condições se pode fazer cultura através da imprensa? Separar estas duas coisas — imprensa e cultura, — parece-me absurdo. Mesmo no simples noticiário, o jornal não há-de deixar de ser um órgão de cultura, no que ele contribua para disciplinar e orientar a própria afectividade das massas.

No entanto, sabemos todos, o jornal está condicionado, em grande parte, pelas circunstâncias da vida social — e circunstâncias, por vezes, anticulturais.

Emílio Zola formulou, um dia, esta interrogação: «Onde é possível que um homem, vivendo a nossa vida agitada, disponha de um quarto de hora para ler um artigo sério?». Em torno desta interrogação do grande romancista, o sr. J. Piatier, em «Le Monde», escreveu, há pouco, interessantes reflexões sobre as condições políticas e sociais do jornalismo. O que, de momento, me prendeu a atenção foi a frase que citou e que eu acima transcrevi. Não porque a frase contenha alguma afirmação imprevista, mas exactamente porque põe o dedo numa ferida que já sangra há quase uma centena de anos. E cada vez sangra mais. A frase de Zola tem cada vez mais verdade.

Quanto são os leitores que, hoje, podem perder um quarto de hora, ou até cinco minutos, a ler um artigo sério?

Um artigo sério entende-se pela substância do seu conteúdo. Será possível, ao menos, dar essa substância num artigo comprimido — como qualquer comprimido de aspirina — que se digira em cinco minutos, se o jornalista não quiser escrever apenas para raros leitores que

não constituem público? E não haverá, também, um público-escol a considerar?

Eu suponho que o jornalismo comporta uma certa altitude dos temas, e deve mesmo comportá-la. O jornal — e é Karl Jaspers que o afirma com a sua filosófica autoridade — abrange toda a realidade espiritual, desde a mais afastada e esotérica especialização até à mais sublime criação pessoal. Como que recria ao trazer à consciência da época, numa nova dimensão, o que, de outra maneira e carecente de efectividade, seria património de uns poucos.

Torna as coisas compreensíveis, ao adaptar o que é próprio do perito, no nível em que é assimilado por todos (O Ambiente Espiritual do Nosso Tempo).

Ao transcrever estas palavras dosse Jaspers, eu penso se o jornalismo cultural dos meus «Temas» terá conseguido aquela adaptação e aquele trazer à consciência de muito, numa dimensão nova, os assuntos mais ou menos especializados ou difíceis. Além do problema da extensão dos artigos (que exige mais de um quarto de hora de leitura e atenção), temos, pois, o problema da natureza dos assuntos — e um e outro se fundem num só. Dizer tudo por enunciados, para poupar ao leitor o quarto de hora de Zola, não redundaria numa traição àquele «realidade espiritual», àquela «efectividade», àquela «consciência» a que alude o autor do Ambiente Espiritual do Nosso Tempo, ao focar a missão cultural do jornalismo?

Sim, creio que é possível condensar num enunciado a substância séria dum tema, para ficar um artigo comprimido a ler em dois ou três minutos; mas isso é só o enunciado, e julgo que entre o enunciado e a coisa enunciada pode haver uma grande, infinita e decisiva distância. O pensamento ocupa espaço, pelo menos no papel em que se escreve, — e fazer jornalismo de cultura com enuncia-

dos, isto é, a menos dum quarto de hora (na frase de Zola), leva-nos ao perigo dos slogans.

Os slogans podem, com fórmulas de excitação mística e alógena, fazer coisas terríveis. Desencadearam já duas tremendas guerras e podem desencadear, amanhã, a guerra nuclear.

É certo que a época que decorre tem seguido nesse perigo. Por isso mesmo nos tem dado um tipo de elite que não é mais do que o homem-massa impenetrante (uso a expressão que Ortega y Gasset consagrou) tomando ares de elite. É um tipo de homem, de vida agitada e pressurosa, que não tem tempo de ler artigos que não sejam mais ou menos notícias e banalidades. A única diferença que faz do homem-massa que não está arvorado em elite, é que este só perde tempo a ler artigos que tratam mais ou menos da bola...

E, bem sei, a grande maioria do público dos jornais. Mas o jornal não pode ignorar a existência da minoria que também o lê e é capaz de consagrar mais de um quarto de hora a um artigo sério.

O sr. Piatier cita uma passagem de Zola, onde este diz que, sempre que alguém o procurava a pedir-lhe conselho por uma boa causa, compelia-o a arremessar-se na plena batalha do jornalismo — «ce bain de force». E o sr. Piatier comenta com acerto, quando Zola deplora o jornalismo a menos de um quarto de hora de leitura: «Porque se Zola se insurge, é porque crê na imprensa, na sua dignidade, no seu papel educador».

Ora uma das formas da missão da imprensa — em sua dignidade e em seu papel educador — num momento em que as condições da vida cultural do nosso país são cada vez mais precárias, é preencher precisamente, na medida do possível, os vazios dessas condições precárias. Um exemplo, entre muitos, é o aparecimento — e ainda bem — das páginas literárias e artísticas nos nossos dia-

SER JORNALISTA

Ser jornalista!

Ser jornalista é ser marcado, com luz perene e pura, pelo mesmo Destino que marcou a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo! Ser jornalista é fazer de seus dias a cruz da sua Vida! E viver sofrendo, é morrer lutando, e sempre a espalhar pelo mundo fagulhas de luz, palavras de fé, conceitos de amor, sentimentos de justiça e de alta fraternidade humana!

É o jornalista que faz a imprensa e esta é que traça, no mundo, um caminho de luz para a humanidade. É precisamente ela que, pela pena firme e honesta do jornalista, nos dá os conceitos de paz, de amor, de fé, de justiça, de confraternização, procura conduzir, e muitas vezes conduz, com glória, os chefes de Governo, pela senda florida e augusta da verdade, do perdão e do amor grandioso humano, criando fundo a mentira, a traição, a intriga criminosamente semeada pelas almas perversas que infestam as esquinas escusas da vida. É sempre o jornalista quem, sobrepondo-se a todas as misérias do mundo, a todas as vilzeas da vida, e de vislumbre sempre seguida, no braço sempre firme e forte na estacada, e de coração sempre limpo e de alma sempre

rios, o que corresponde á pobreza das nossas revistas especializadas de cultura. Pobreza em qualidade e em quantidade, por motivos de vária ordem, entre os quais avultam os motivos de dificuldade na base económica.

Sei que em outros países, com mais fáceis condições de vida espiritual, os diários consagram, na mesma, largo e larguíssimo espaço aos assuntos de cultura; mas se, ali, se vai ao encontro duma aceitação espontânea geral, já aqui — e eis uma função providencial da imprensa — procura-se obviar á falta dessa aceitação espontânea geral.

Efeitos análogos com causas diferentes e — opostas.

O jornalista que teima em fazer cultura a mais de um quarto de hora, bate-se, pois, e sem dúvida, por um bom princípio e em plena consciência da sua missão social. Embora seja o bom princípio do pequeno número. Mas não será deste pequeno número — a restaurar como verdadeira elite dirigente — due não-de vir, de novo, a dignificação da Vida e a segurança do Mundo em que vivemos?

nobre, caminha, destemida e desassombadamente, á frente das legiões que têm fome de glória, ou de injustiça, ou do pão de cada dia... É sempre ele o guia, e é sempre ele o crucificado... Mas, é também ele o knico que segue, pela vida, levado por um ideal de amor ao próximo, de amor á justiça, de amor á dignidade humana, á confraternização dos povos — a divina lei pregada por Jesus...

Ser jornalista é lutar sem recompensas: é ferir sem esperança de pagas; é ser réu e juiz; é ser povo e rei; é ser defensor anónimo dos fracos e terror pânico dos fortes. Ser jornalista é caminhar sobre brassyas crepitantes, tendo o mundo nas mãos. Ser jornalista é saber amar ao próximo e sempre, uma providência imediata e nunca realizada com meias medidas: é a providência que desembaraça os punhos do dominador; é a providência que deixa livres os seus passos e livre deixa a sua espada para cortar e matar — é a providência das excessões sem leis — é o emudecimento do jornalista...

Para se dominar um povo é necessário que se amordace, antes, os seus jornalistas. Quebrada a pena do jornalista, tolhido seus movimentos de lutador, desmantelada sua liberdade de acção, tudo podem então os tiranos conseguir de um povo dominado. Não houvessem jornalistas e a justiça, e os povos, e os humildes e vendidos não teriam, no mundo, livres e destemidos defensores. O jornalista luta pela causa alheia como se fora a sua própria causa. As injustiças alheias doem-lhe na alma como se com eles fossem elas praticadas. Ao lado de todas as causas nobres, ao lado de todos os combates dignos, á frente de todas as campanhas elevadas, está sempre ele, o jornalista, a caminhar de peito aberto... Sua durindana, de aço de Toledo, está sempre ao lado da lei. Sua pena, que com ardor defende o pobre, com ardor defende também o rico, se ao rico negam justiça. Ela não vê posições sociais, porque segue a luz da verdade.

Por tudo isso, ser jornalista é caminhar sobre espinhos, sentindo Deus no coração; por tudo isso, ser jornalista é ser guerreiro da fé, guerreiro do ideal, independente na luta, impetuoso na vida, e irreconciliável na defesa impávida, imperterrita e ignia da Verdade! Ser jornalista é ser marcado por Deus para a defesa da Humanidade!

Estefanio dos Santos Mídões

A EDIFICAÇÃO EM MARCHA DA CIDADE UNIVERSITÁRIA EM LISBOA

Têm sido ultimamente anunciados novos passos para a construção da Cidade Universitária de Lisboa — grande empreendimento que há-de figurar no futuro entre os mais representativos da obra de renovação material do País neste século. Refere-se-lhe, também, com interessantes informações o relatório há pouco publicado pelo Ministério das Obras Públicas. Nele se regista a organização, no decurso de 1954, dos projectos dos três edifícios universitários incluídos no actual programa de construções, de que ficaram incluídos os ante-projectos: Faculdade de Direito, Faculdade de Letras e Reitoria da Universidade.

Como trabalho preparatório para a construção destes edifícios foram feitas as terraplenagens dos terrenos onde vão ser implantados e elaborado o estudo de urbanização interior (arruamento, esgotos e distribuição de água) do respectivo talhão. Com base nesse estudo foi aberto concurso para a execução da primeira fase desses trabalhos, ou seja daqueles que poderiam ser executados sem prejuízo da construção dos edifícios ou de qualquer eventual alteração resultante do desenvolvimento dos respectivos projectos. Os revestimentos betuminosos de todos os pavimentos e os trabalhos de pavimentação e canalizações nas zonas mais próximas dos edifícios foram excluídos desse concurso. A adjudicação desta empreitada foi feita em 23 de Setembro de 1954 pela importância de 1.339 contos.

Por outro lado, em obediência a um programa, do qual por falta de elementos seguros foi excluído o Lar Universitário — problema que actualmente está sendo considerado — foi iniciado um primeiro estudo destas instalações. Com base nesse estudo foi elaborado o projecto das terraplenagens das instalações citadas. Não dispondo a Comissão de todos os terrenos necessários á realização do plano de obras, houve necessidade de proceder a várias aquisições que em 1954 totalizaram 4.600 contos.

Dado que em grande parte desses terrenos se encontravam várias casas de habitação, a Comissão está procedendo ainda, em colaboração com o Governo Civil de Lisboa, ao realojamento dos respectivos inquilinos. Por este motivo e também porque a aquisição das restantes parcelas está ainda dependente da decisão judicial, não foi possível estender as terraplenagens a toda a área prevista para aquelas instalações e houve necessidade de dividir o seu projecto em duas fases a primeira das quais executada em 1954.

De entre os vários Campos Desportivos incluídos no respectivo programa, foi superiormente estabelecido quais aqueles que deveriam ser considerados numa primeira fase e sobre esses conseguiu a atenção da Comissão, tendo sido organizados os projectos de: Arruamentos, esgotos e drenagem dos Campos Desportivos (1.ª fase); Construção da Tribuna, Balneários e bancadas do Campo Principal e Gramado dum Campo de Treino; Vedação do terreno; Distribuição de água; Pavimentação dos diferentes Campos Desportivos.

Os três primeiros trabalhos foram ainda adjudicados no ano findo respectivamente pelas importâncias de 1.058, 1.121 e 439.325 contos.

O Hospital Escolar de Santa Maria como se sabe, ficará incorporado no vasto plano geral da Cidade Universitária de Lisboa. Elucidada-se no citado relatório do Ministério das Obras Públicas que, de harmonia com o programa previsto, o edificio do Hospital e todo o seu equipamento geral foram entregues pelo Ministério á Comissão Instaladora e Administrativa do Hospital Escolar de Lisboa, em 31 de Agosto do ano findo, tendo a partir desta data cessado a interferência da Comissão Administrativa dos Novos Edifícios Universitários nesta obra.

No que respeita á aquisição do equipamento especial complementar, para o qual foi destinada pela dotação verba de 20.400 contos, continuará a Comissão a exercer a sua intervenção limitando-se todavia á liquidação e satisfação dos encargos que resultam das propostas de adjudicação aprovadas pelo Ministério do Interior e que lhe vão sendo presentes pela Comissão Instaladora, dentro daquela verba e em conformidade com os programas de apetrechamento. Quanto á Faculdade de Medicina, coube á Comissão ultimar a aquisição dos complementos do equipamento, para os quais foi consignada a verba de 3.000 contos.

A Cidade Universitária é uma grande realização em marcha de que já se impõem os delineamentos monumentais.

Realizações Dos Serviços de Melhoramentos Rurais no Ano Passado

Os Serviços de Melhoramentos Rurais constituem um dos mais importantes sectores das actividades de alto interesse colectivo que vêm sendo desenvolvidas pela Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, integrada no Ministério das Obras Públicas. Os seus empreendimentos revestem o maior significado no esforço de melhoria das condições de vida das populações portuguesas. Por isso é sempre oportuno documentá-los perante a opinião pública, na base das informações objectivas divulgadas pelos Serviços.

Reconhece-se no último relatório do Ministério, em capítulo consagrado especialmente a este sector, que haveria todo o interesse, não só sob o ponto de vista de politica economica, como sob o ponto de vista social em aumentar substancialmente e de forma permanente, a dotação orçamental do Fundo de Melhoramentos Rurais. Deste modo, poder-se-iam elaborar planos de execução sistemática que permitissem cuidar da reparação e conservação eficiente da rede municipal e ir executando todas as estradas e caminhos municipais previstos, por forma a dar acesso ás povoações, com população superior, pelo menos, a 50 habitantes, que se encontram ainda isoladas.

A reforçar este ponto de vista, evidencia-se o que se passou com a dotação do ano de 1954.

Assim, a dotação orçamental do Fundo de Melhoramentos Rurais — 40.000 contos — foi reforçada próximo do fim do ano (18 de Novembro de 1954) com 10.000 contos e, pouco anteriormente, em 27 de Outubro de 1954, com o saldo que ficara de 1953.

O total disponível foi de 55.800 contos, portanto, análogo ao de 1952.

Verificou-se, mais uma vez, em 1954, o inconveniente de os reforços serem concedidos bastante tarde. Apesar de tudo, apenas ficou um saldo de 3.568 contos.

O número de obras participadas, foi, segundo a sua natureza, o seguinte: Estradas Municipais .. 356 Caminhos Municipais .. 323 Outras obras ..... 110 Regista-se expressamente no relatório o prosseguimento, durante o ano de 1954, do auxilio do Fundo de Melhoramentos Rurais ás Camaras Municipais que tinham montado, ou montaram no decurso do ano, os serviços de conservação da sua rede rodoviária. Despendeu-se, neste auxilio,

4.485 contos, em beneficio da conservação de cerca de 9.500 km. de vias municipais.

O número de concelhos beneficiados subiu para 178, o que representa 59 por cento do total, e a extensão total de vias municipais sujeita ao regime de conservação permanente, correspondente a 64 por cento da totalidade da rede municipal. Estes numeros revelam o nitido avanço que, no capítulo da conservação das vias municipais, se realizou em 1954.

Este inquérito, feito por intermédio das Camaras Municipais e Juntas de Freguesia, apenas com os recursos dos Serviços, virá a ser de interesse decisivo para novas realizações de valiosa projecção social.

INAUGURAÇÕES DE ESTABELECIMENTOS

Sempre que o patricio abra um novo estabelecimento comercial ou reforme o existente, comunique-nos, o fato, por escrito, e nós daremos, GRATUITAMENTE, a noticia.

Portugueses: disponham da "Folha Portuguesa", um jornal que é incondicionalmente, da colonia.

LEIA E ASSINE «FOLHA PORTUGUESA»

NAS GRANDES CIDADES BRASILEIRAS

Um elemento integrante da vida e da paisagem



- CARRINHO AMARELO DOS SORVETES Kibon

No reboliço das ruas do centro... no colorido quente das praias... na quietude dos bairros residenciais — a tradicional Carrocinha Amarela KIBON traz o sorvete gostoso, económico e nutritivo para a garotada ou para o trabalhador... para a dona de casa ou para o homem de negócios. Ela indica a omnipresença de uma grande indústria que emprega os melhores ingredientes... as máquinas e processos mais modernos para colocar ao alcance de todos este alimento completo e de fácil assimilação: o "ice-cream", sorvete cremoso que é gostoso e alimenta!



CIA. HARKSON, IND. E COM. Kibon

Rio de Janeiro — São Paulo — Belo Horizonte





# EGAS MONIZ

Homenageado Pela Sociedade Paulista de Historia da Medicina o Grande Sabio Portuguez — Brilhante Sessão Realizada no Instituto Oscar Freire, Assistido Pelos Senhores Consul e Vice-Consul de Portugal e Diretores Das Associações Portuguesas de S. Paulo, Sob a Presidencia do Professor dr. Arnaldo Amado Ferreira

Numa grata deferência para com o eminente cientista português, Dr. Egas Moniz, Premio Nobel da Medicina, a sociedade Paulista de Historia da Medicina, da presidencia do illustre professor, dr. Arnaldo Amado Ferreira, realizou na penúltima quinta-feira uma sessão de homenagem à memória do insigne professor, que teve lugar no Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina de S. Paulo, sendo assistida pelas mais destacadas figuras da ciência paulista.

Por essa ocasião usaram da palavra os professores drs. Divaldo de Freitas e Pacheco da Silva.

Os dois oradores, referiram-se de maneira brilhante à contribuição prestada por Egas Moniz, à ciência, relatando de maneira sucinta, mas bastante elucidativa, os fatos mais importantes da vida daquele eminente sabio.

Falou depois o dr. José Carlos da Silva Freire, representando a família Egas Moniz, que agradeceu as referências feitas naquela sessão.

Por ultimo usou da palavra o sr. consul de Portugal dr. Adriano de Carvalho que agradeceu, em nome do governo português aquela relevante consagração do prof. Egas Moniz, Glória da Medicina Portuguesa e Mundial.

EGAS MONIZ  
apreciado por  
FERREIRA DE CASTRO

— Os lugares comuns aderem aos grandes homens com a mesma fatalidade dos moscusos às grandes rochas; mas quando, ao evocarmos um grande homem, o nosso pensamento se traduz por um lugar comum é que esse homem é verdadeiramente grande. Egas Moniz encontra-se nessas circunstâncias. Pensamos nele e, se tentamos defini-lo, logo nos vem à ideia de que se trata de um dos maiores espiritos que Portugal teve. Graças a ele o nosso pequeno e lirico país, cantor de estrelas e de regattos murmurantes, com o dorso quase sempre voltado para a filosofia e para a ciência e de olhos tapados ainda pelas velas das antigas naus, mas que continuam a barrar-lhes os horizontes novos, po-

de participar vitoriosamente no movimento científico do nosso tempo. Ele universalizou o espirito português na parte justamente em que tal glória lhe fora sempre escassa. Seria pouco, contudo, se essa vitória interessasse somente a Portugal; mas ela é grande porque interessa à Humanidade inteira. E talvez por isso mesmo que a ideia de Egas Moniz estar morto me parece inverosímil, embora, eu próprio, de lágrimas nos olhos, tenha visto o seu cadáver sair por aquela larga Avenida Cinco de Outubro, numa tarde húmida, cinzenta e triste. Todos nós sentiremos, se nos consultarmos, que ele não morreu, que ele continua aí, na sua obra e no renome que a sua obra justamente lhe trouxe.

# JOSÉ MENDES GAIA UM DOS MAIORES BENEMÉRITOS PORTUGUESES DE S. PAULO - MARIA DOS SANTOS GAIA OUTRA EXPRESSÃO DE BONDADE

Doando um Terreno Para a Sede Propria da Casa Ilha da Madeira e Outro ao Centro Transmontano Para a Construção de Uma Casa de Abrigo Para os Portugueses Desamparados a Família Mendes Gaia Tornou-se Credora da Gratidão de Todos os Portugueses

Um dos fatos mais importantes para a vida associativa dos portugueses de S. Paulo teve lugar há dias, quando em cerimonia solene realizada no Consulado de Portugal, o sr. José Mendes Gaia fez entrega de um terreno à Casa Ilha da Madeira, situado próximo ao Aeroporto de Congonhas, com a área de 12.000 metros quadrados, para que nesse local seja erigida a sede própria daquela prestigiosa Associação.

A cerimonia, pequena pela sua simplicidade, tornou-se grande pelo seu alto valor. Por essa ocasião tivemos oportunidade de ouvir um dos mais bonitos discursos feitos por s. exa. o sr. consul de Portugal, dr. Adriano de Carvalho que, falando de improviso, fez uma brilhante alusão ao alto significado do gesto nobre da família Mendes.

Falou também o grande historiador e jornalista dr. Enzo da Silveira, grande amigo de Portugal e dos portugueses, que exprimi o seu sentimento de gratidão ante um donativo de alto valor, como foi aquele feito à Casa Ilha da Madeira pela família Mendes Gaia.

O CENTRO TRANSMONTANO DE S. PAULO

A nobre família Mendes Gaia, condoída com a sorte de muitos portugueses desamparados, já de idade avançada, doou ao Centro Transmontano de São Paulo um terreno também com 12.000 metros quadrados para a construção de

uma casa de abrigo, gesto que mais uma vez pôs em foco a benemerita figura do sr. José Mendes Gaia, e sua simpática e bondosa esposa, d. Maria dos Santos Mendes Gaia.

JANTAR DE HOMENAGEM

A Casa Ilha da Madeira, no louvável intuito de manifestar publicamente a sua gratidão para com tão benemerita família, promoveu um jantar de homenagem que teve lugar no Esplanada Hotel de S. Paulo e durante o qual usaram da palavra os srs. consul de Portugal, dr. Adriano de Carvalho; dr. Enzo da Silveira, Agostinho Vicente de Gouveia e Antônio Pereira Correia.

A FOLHA PORTUGUESA

ao registrar em seu primeiro número este importante acontecimento, fá-lo com a maior satisfação, prestando desta forma uma sincera e bem merecida homenagem à benemerita família Mendes Gaia que de maneira tão honrosa e digna deixa o seu nome ligado à vida associativa portuguesa de São Paulo.

Nota da redação: — Factos como o que acabamos de relatar constituem para nós material noticioso de primeiro plano, credor da maior repercussão no seio da colônia portuguesa do Brasil. Por tal razão, esta reportagem, como qualquer outra de igual ou semelhante teor ou que seja de vivo interesse dos portugueses

e das associações que os congregam, são intrinsecamente gratuitos.

Não é matéria publicitária, é noticiosa. Ruijam os nossos principios de ética de sadio jornalismo se cobrássemos os centímetros de tão justa homenagem.

## A CASA DO PORTO SERA EM BREVE UMA REALIDADE!

Já são por demais conhecidas as virtudes cívicas da antiga mui nobre sempre leal e

de guardiã ao seu velho coração de Rei-Soldado.

A exemplo dos portugueses do Rio de Janeiro, que compreenderam muito cedo a necessidade de se agregarem, para, deste modo, melhor zelar pelo nome da terra que lhes deu o berço, quiseram os portugueses de São Paulo criar aqui também uma Casa do Porto, um centro associativo que seja a casa da saudade do Porto.

Sendo-nos comunicada essa noticia, que muito nos alegrou, e em nome dos seus sócios fundadores, idealistas dignos de todo o nosso reconhecimento, vimos pedir a todos os portugueses em geral, que não demorem em dar a sua adesão a iniciativa tão patriótica e bairrista, adesejo que, para já, pode ser endereçada aos cuidados da FOLHA PORTUGUESA. Daremos, em nosso próximo número o local da primeira reunião de todos os sócios fundadores.

A todos os portugueses, por-



Invicta Cidade do Porto, a cidade do trabalho, a única cidade portuguesa que mereceu de D. Pedro a honra de servir



O Dr. Hamilton Prado, Vice-Presidente da Companhia, ao usar da palavra justifica a presença da Diretoria da qual faz parte, na solenidade que se desenrolava e amplia com suas palavras a homenagem prestada.

Portugal passou a palavra ao sr. Carlos Herdade, velho acionista da Antártica. O sr. Carlos Herdade que tem sua vida ligada ao desenvolvimento da Companhia, e que nela exerceu uma série variada de funções até tornar-se um dos seus acionistas, historiou com o sentido do pitoresco as diversas etapas que a Antártica teve que superar até resultar na potencia industrial que hoje ela é. O sr. Carlos Herdade, naquele momento de encontro de velhos e novos amigos, era bem um simbolo de português que vem ao Brasil disposto a trabalhar, a prosperar e a adaptar-se no novo meio. Seu discurso foi íntimo, agradável e cheio de humanidade, como é do temperamento da gente portuguesa.

As palavras finais da solenidade foram pronunciadas pelo sr. Adriano de Carvalho, o consul de Portugal, num brilhante encerramento da solenidade. Em seguida, foi feito um convite para que os convivas se reunissem no saguão da Casa de Portugal,

onde foi feito um brinde como pretexto para uma conversa mais íntima entre os presentes.

Compareceu à solenidade, além dos associados da Casa de Portugal, sua diretoria, composta dos srs. Com. Pedro Monteiro Pereira de Queiroz, Frederico Maria Cabral Sampaio, José Alves Dias, António Loureiro, João Cunha Sotto-Maior, António Padua de Oliveira, Mário Francisco Antunes, João Martins, Rogério Pinto Coelho, Anibal Fonseca e demais membros do Conselho.

A diretoria da Companhia Antártica Paulista compareceu incorporada, através de seus membros, srs. dr. Luiz de Morgam Snell, dr. Walter Belian, dona Erna Wernsdorf, dr. Hamilton Prado, sr. Adam von Bulow, dr. Theophil Pupo do Messas, sr. Francisco Nogueira Filho, sr. Orlando Barone, sr. Milton Brandão, dr. Edouardo Borsall, dr. Eftrem Poliakoff, sr. Jorge Bittar e sr. Oscar A. Bindel.

O que se passa nas Associações Portuguesas interessa aos portugueses; logo, interessa à FOLHA PORTUGUESA.  
Dê-nos Conhecimento

# A CIA. ANTÁRTICA E OS PORTUGUESES EXPRESSIVA HOMENAGEM À CASA DE PORTUGAL

Funcionários portugueses da Companhia Antártica Paulista confraternizam-se com a Casa de Portugal — A entrega de simbolico pergaminho — Presente o consul de Portugal e o Dr. Walter Belian

A Companhia Antártica Paulista possui nos seus quadros cerca de quatrocentos funcionários portugueses. Boa gente de Portugal que com ela coopera há muitos anos. Alguns desses funcionários já festejaram suas bodas de ouro com a empresa. Outros, partindo de posições modestas, prosperaram, até ascender a postos-chaves na Companhia. Como todos os portugueses são trabalhadores, dedicados e bem-humorados. E são, sobretudo, gratos a quem lhes presta algum beneficio. Foi disso que deram eloquente prova no dia oito deste mês, quando prestaram uma expressiva homenagem à Casa de Portugal.

Nesse dia, numa bela solenidade, os portugueses da Antártica ofereceram à Casa de Portugal um artistico pergaminho, à maneira medieval, onde se lia uma singela mensagem de gratidão e fraternidade. Realmente, a Casa de Portugal vem sendo de grande utilidade para a colônia portuguesa de São Paulo, amparando-a nos diversos setores da vida. É uma instituição ativa e admiravelmente dirigida.

A essa solenidade solidizou-se toda a diretoria da Companhia Antártica Paulista, que esteve presente no salão nobre da Casa de Portugal no ato da entrega do pergaminho.

O descerramento da mensagem coube ao dr. Walter Belian, diretor-superintendente da empresa, que o fez sob calorosa salva de palmas.

OS DISCURSOS

A sessão foi presidida por s. exa. o consul de Portugal, que soube criar um clima de comunicabilidade e simpatia entre os presentes. Depois de breves palavras, anunciou o primeiro orador da noite, o sr. José d'Oliveira Teixeira, que falou em nome dos funcionários portugueses da Antártica, salientando que esta empresa vem sendo uma segunda Casa de Portugal tantos são os auxilios que presta aos seus servidores.

Falou, em seguida, o dr. Hamilton Prado, diretor vice-presidente da Companhia Antártica e deputado federal. Num depoimento breve e conciso, o dr. Hamilton Prado afirmou o desejo de

Antártica de intensificar os laços de aproximação com a Casa de Portugal, desejo que coincide com o espontâneo movimento do grande núcleo de seus empregados de origem portuguesa. A seu ver, nenhuma empresa brasileira pode dispensar tão necessária colaboração, razão porque a Antártica sempre acolheu de bom grado nos seus quadros essa admirável



Fala o sr. Adriano de Carvalho, consul de Portugal, intérprete da gratidão dos funcionários portugueses da Companhia Antártica à «Casa de Portugal».

# MOVIMENTO ASSOCIATIVO DE SÃO PAULO

## Homenageado Pelo Centro Transmontano os Rapazes do Paço D'Arcos

### Visita de Cordialidade à Sede do Centro — Saudação em Nome daquela Benemerita Coletividade Pelo dr. Silva Ribeiro — O Agradecimento do Capitão da Equipe sr. Fernando Matos — Palavra do sr. Consul de Portugal dr. Adriano de Carvalho — Presente Toda a Diretoria e a Rainha do Centro, Senhorita Maria da Conceição Queiroz

A equipe portuguesa de Oquei que brilhantemente atuou nesta Capital com geral agrado, pela sua técnica e sobretudo pela maneira cortez com que se exibiu, esteve no Centro Transmontano de São Paulo, numa visita de cordialidade, a convite da diretoria daquela prestigiosa entidade associativa.

Os rapazes do Paço d'Arcos foram recebidos com toda a cordialidade pela rainha e diretores do Centro, fazendo uma ligeira visita às suas instalações.

Passaram depois ao salão de festas onde foram saudados em nome do Centro pelo dr. Silva Ribeiro, que, como habitualmente pronunciou um brilhante discurso.

Falou depois o sr. Fernando Matos, capitão do Paço d'Arcos, agradecendo as elogiosas referências feitas à sua equipe e manifestou a satisfação de conhecer de perto o Centro Transmontano de S. Paulo, que disse, «é uma das associações portuguesas mais faladas em Portugal».

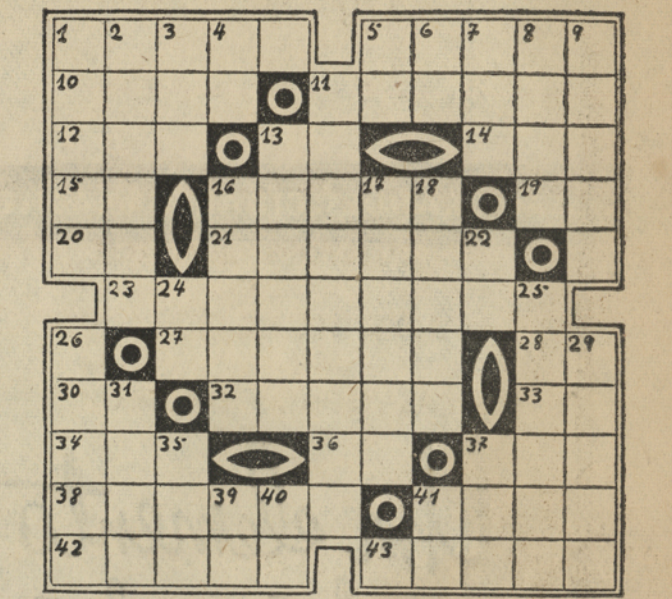
Por último, o sr. dr. Adriano de Carvalho usou da palavra

para ao mesmo tempo que saudava os visitantes, fazer uma breve explanação sobre o Centro Transmontano para que levassem para Portugal uma noção mais ou menos completa da obra daquela coletividade, que é, um «gigante da assistência», como muito bem se referiu o illustre consul de Portugal.

Falando com completo conhecimento de causa, como só pode fazer uma entidade que se dedica realmente ao estudo da vida associativa portuguesa acompanhando de perto todos os seus movimentos, o sr. dr. Adriano de Carvalho referiu-se à obra de assistência clinica que anualmente beneficia milhares de associados.

Seguiu-se um «porto de honra», durante o qual a senhorita Maria da Conceição Queiroz, rainha do Centro Transmontano e segunda classificada no Concurso «Rainha das Associações Portuguesas do Brasil», ofereceu aos componentes da embaixada esportiva o distintivo daquele Centro, como recordação dos trasmontanos de S. Paulo.

# PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 1

HORIZONTAIS: 1 — Cidade antiga da Macedônia. 5 — (Plur.) — Frente de qualquer coisa. 10 — Margem. 11 — Arte de escrever em verso. 12 — Parte pelo meio. 13 — Fluido. 14 — (Bras.) Espécie de sapo das regiões do Amazonas. 15 — Outra coisa. 16 — Funcho marinho. 19 — O substrato instintivo da psique. 20 — Crininoza. 21 — Aldrava. 23 — Niveladora; moleza (plur.). 13 — Invenção com a rasoura. 27 — Que tem sal ou é da natureza dele. 28 — Naquele lugar. 30 — Nota musical. 32 — Rogação. 33 — Símbolo quimico do alumínio. 34 — Íntimo. 36 — (Fig.) — Gesto; postura. 37 — (Bras.) — (Bras.) Gemido; grito de agonia. 39 — Nota musical. 40 — 41 — Planta avascular, clorofilada, sem raízes, folhas ou caules ingleses.

VERTICAIS: 1 — Adicionar (quantidades) para achar a soma. 2 — (Bras.) Dar trela; tagarelar. 3 — Folha de palmeira, na Índia portuguesa. 4 — Bada. 5 — Partícula. 6 — A parte de trás. 7 — Calçado. 8 — (Bras.) Espécie de palmeira. 9 — Cumprimento. 11 — Pachorra; moleza (plur.). 13 — Invenção com a rasoura. 27 — Que tem sal ou é da natureza dele. 17 — Regressar. 18 — Nome próprio masculino. 22 — Serra de Pernambuco. 24 — Exímio. 25 — Dilata. 26 — Amacia. 29 — Unir; harmonizar. 31 — Que rer. 35 — O mesmo que olá. 37 — (Bras.) Gemido; grito de agonia. 39 — Nota musical. 40 — 41 — Planta avascular, clorofilada, sem raízes, folhas ou caules ingleses.

## PORTUGUESES, ATENÇÃO!

Passagens a Prestações

Viagens de ida e volta com 25% de desconto, autorizações para subir a bordo, modelo 19, troca de profissão, passaportes e todos os documentos em geral.

### Agencia Luso-Brasileira

RUA S. BENTO, 405, 11.º ANDAR, SALA 1129  
FONE: 33-7023 S. PAULO



# PANAIR- PRESENÇA DO BRASIL EM CEUS E TERRAS DE ALEM-MAR

Dentre os empreendimentos nifestações da nova conscientização de natureza privada a que o Brasil vinha adquirindo e segundo a qual devaldade própria e específica, têm trazido grandes benefícios ao país, pode-se mencionar sem favor, a «Panair do Brasil», cujos aviões já adquiriram fama até além de nossas dilatadas fronteiras, mesmo em países onde tantas e tão poderosas empresas congêneres existem. Como ilustração desta afirmativa, conheçamos um pouco da história daquela companhia, reclinemo-nos depois sobre um mapa das suas rotas e vejamos como funcionam seus escritórios no estrangeiro.

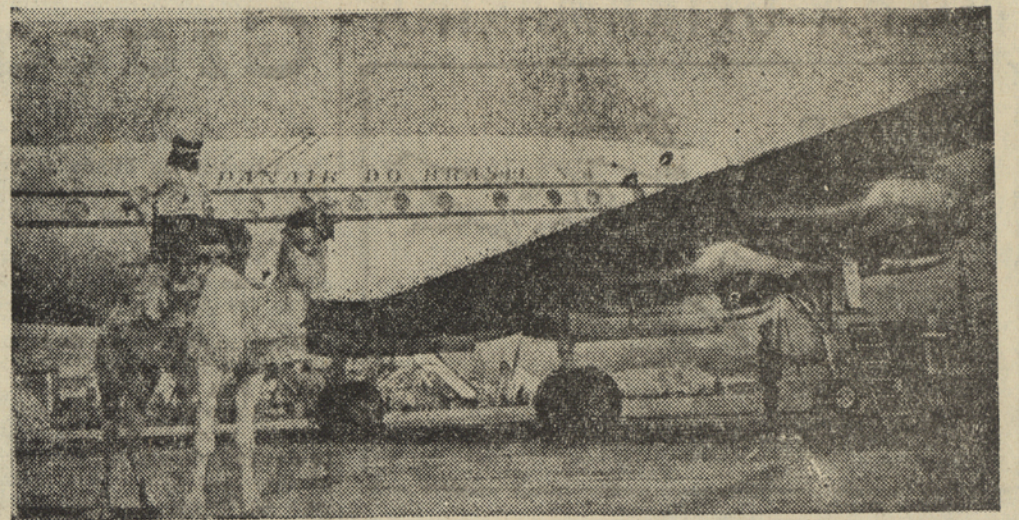
**BANDEIRAS — FONTE DE INSPIRAÇÃO DE PANAIR**  
A «Panair» surgiu em 1929, como uma das primeiras ma-

Atlântico e o inóspito Saara. Os seus aviões tomaram a denominação de «Bandeirantes», e o exemplo dos nossos tenazes penetradores dos séculos XVII e XVIII haveria de inspirar a companhia em seu trabalho de desbravamento de nossos caminhos aéreos, e de engrandecimento, lá fora, do nome do Brasil. E assim aconteceu, de fato. A «Panair», que, ao ser criada, somente transportava correspondência, em breve acomodava, também, no bôjo de seus hidro-aviões dos tipos «Commodore» e «Sikorsky-S38», passageiros e carga, encurtando, extraordinariamente, a imensa distância entre aqueles dois pontos de nosso litoral. O aparecimento da «Panair», como já ficou entendido, foi providencial, porque vinha de encontro a uma das nossas maiores necessidades, que cada dia se agravava — a de transporte, e transporte rápido. Por isso, novas linhas foram em breve criadas pela empresa, a frequência das linhas já existentes dobrada, triplicada e novas escalas inauguradas. Para servir a regiões do interior do Brasil, e, depois, como ajuda ao governo, no período da guerra, a «Panair», ela própria, mandou construir inúmeros aeroportos, e colaborou ativamente no desenvolvimento da borracha da Região Amazônica, em 1942. Já nesse

ano, os «Commodore» e «Sikorsky S-38» tinham sido substituídos por aviões mais rápidos e modernos, sucessivamente os «Fairchild», os «Sikorsky S-39», os Lockheed 10-E, os Sikorsky S-43, e a frota, por outro lado, incluía aparelhos de outros tipos, como os «Douglas DC-2» e os «Lockheed Lodestars». Ao longo desses anos, a «Panair» transformara-se, também, numa excelente escola de pilotos e demais técnicos que a indústria do transporte aéreo exige. Para se ter uma idéia mais concreta disso, basta saber-se que, dentre as duas centenas de pilotos e comandantes que compõem o quadro da empresa, já um terço ingressou na galeria de «ases», isto é, ultrapassou a marca de 10.000 horas de voo, ou seja, quase um ano e dois meses no ar, sem descer à terra por um minuto sequer. E quem tem uma experiência profissional tão longa, deve ter, também, grande competência. E, realmente, os Serviços da «Panair» inspiram inteira confiança, tanto as várias personalidades nacionais ou estrangeiras do maior destaque, dentre elas o extinto presidente Getúlio Vargas, e o ex-presidente Café Filho, o presidente Chamoun, do Líbano, muitos cardiais, por ocasião do Congresso Eucarístico, e outros, serviram-se, confiantes,

## O MAPA DE ROTAS

Durante seus 26 anos de existência, a «Panair» ajudou o Brasil a crescer e foi, reciprocamente, estimulada pelo progresso do país. Houve uma troca, uma permuta espontânea de incentivos e ajuda. A rede de linhas daquela companhia não deixou de contemplar nenhum Estado da Federação, desde os pampas ondulantes até à misteriosa Região Amazônica, que parece apenas emergida do dilúvio. São os providenciais «Catalinas» da «Panair» os únicos aviões comerciais que sobrevoam aquele fantástico mundo, aquele labirinto de rios, nos quais pousam, depois, para levar aos agrupamentos humanos ali existentes o indispensável e outros produtos indispensáveis, enfim, uma réstea pelo menos da luz da civilização. A epopéia dos «Catalinas», na Região Amazônica, ainda está por ser escrita. Por outro lado, já em 1931, a expansão da «Panair» extravasava do território nacional e alcançava Buenos Aires, e, a seguir, outras capitais deste Continente. Em 1946, enfim, a Companhia se dispunha a conquistar o Velho Mundo, a ensaiar o primeiro longo salto de uma aeronave brasileira sobre o Atlântico. Já naquele ano incluiu em sua frota os



No Oriente, onde as lendas e os mistérios fazem parte da vida diária, um camelo, o mais antigo meio de transporte daqueles povos, é levado a «visitar» um «Constellation», e comparar, com ele, o seu próprio porte e formas... Ali se encontraram, naquele instante, os dois extremos de uma evolução de muitos séculos.

«Constellation», os primeiros aviões quadrimotores a serem adquiridos por uma empresa nacional. E foi assim que, no dia 28 de abril de 1946, um desses aparelhos levantou vôo do Aeroporto do Galeão, no Rio, escalou depois em Recife e, a seguir, levou, sereno e portentoso, as cores de nossa bandeira e o nome do Brasil a terras d'África (Senegal) e da Europa — Lisboa, Paris e Londres. Novas linhas foram inauguradas, desde então, para o Velho Mundo, e hoje os «Bandeirantes» cruzam os céus da Europa e do Oriente Médio diariamente, estreitando as relações e incentivando o intercâmbio entre as capitais da América do Sul, e em particular entre as grandes cidades brasileiras, e Dakar, Roma, Lisboa, Madrid, Londres, Paris, Dusseldorf, Hamburgo, Frankfurt, Zurich, Beirute e Istambul. Dêse vale ininterrupto dos «Constellation» entre a América do Sul e o Velho Mundo, resultaram, para a «Panair», dois recordes mundiais que constituiriam motivo de orgulho pa-

ra qualquer empresa: o de travessias do Atlântico Sul 3.653 até este mês) e o do mais longo vôo comercial sem escala do mundo, realizado em dezembro de 1953 entre Lisboa e o Rio, em apenas 22 horas.

## CANTINHOS DO BRASIL NO ESTRANGEIRO

Para bem atender as suas necessidades, a «Panair» instalou, em muitas cidades e capitais estrangeiras a que serve, agências e escritórios próprios, onde há sempre pessoas que falem a nossa língua. Esses escritórios, bem decorados com motivos brasileiros, oferecem aos que os visitam uma sugestão clara do Brasil, fazendo-os sonhar com nosso país. Ali são encontrados, também, exemplares recentes, muitas vezes do dia anterior, das maiores revistas e jornais brasileiros. E o cafézinho, quente e delicioso, como o que se saboria em qualquer bar do Rio, faz a delícia de todos, visitantes ou clientes de qualquer nacionalidade, que, muito a propósito, já denominaram de «cantinhos do

Brasil» às representações da «Panair» no exterior. Nenhum patricio, de passagem por qualquer país em que a «Panair» opere, se sente completamente forasteiro, nem muito longe do Brasil. E' só procurar os escritórios daquela empresa, e então se sentirá bem confortado com a acolhida fraternal que lhe é dada e a assistência que lhe é oferecida. E com que entusiasmo! Com que orgulho! Com que certeza da capacidade realizadora de nossa gente, diante do enorme conceito, do grande prestígio que envolvem a «Panair», mesmo no coração de Londres, de Paris, de Roma, de Dusseldorf, de Hamburgo, etc., onde as suas instalações são tão conhecidas, que chegam até a servir de ponto de referência para os próprios cidadãos daqueles centros cosmopolitas! E' o nome do Brasil sobressaindo, grande e altaneiro, como um convite fascinante, uma permanente tentação para os olhos e o coração de todos que o vêem. E' a presença viva do Brasil em quatro Continentes.

# ALFAIATE

Confecções Finas Para Senhoras e Cavalheiros

## Erminio Rotondaro

Rua da Moóca, 531 - Tel. 33-6554 - S. Paulo

# Max Barbosa da Matta Machado

Jorge Diab Maluf

ADVOGADOS

COBRANÇAS - DESPEJOS - INVENTARIOS

QUESTÕES CRIMINAIS

QUESTÕES DE TRABALHO

ADVOGACIA EM GERAL

Rua 15 de Novembro, 200 - 11.º andar - Sala 2

Fones: 33-6816 - 36-2769 - Das 16,30 às 18 hs.

## SER OU NÃO SER...

eis a questão:



Se você já é calvo, passe a loção Tricomina para ver os seus cabelos nascerem novamente.

Mas... se você ainda não é, use também a loção Tricomina, que detém a queda dos cabelos, elimina a caspa e a seborréia e higieniza completamente o couro cabeludo.

## SENDO OU NÃO SENDO...

eis a loção:



Tricomina

combate o calvície e elimina a caspa detém a queda dos cabelos

# -- O ARDINA --

Ano I — 21 de Março de 1956 — N.º 1

BI-SEMANARIO DE «GRAÇA»

Diretor: JORGE MOREIRA FERNANDES

Ex-Produtor Radiofonico de Portuense Radio Club



## A FOTO DO DIA

LISBOA — A neve invadiu Portugal. Na foto um gato branco na Serra da Estrela.

## CUPÃO

1

Não Recorte Este Cupão. É Muito Pequeno Para Ter Utilidade

**BOA TARDE, PATRICIO...**  
— Dentro do 1.º bi-semanário português no Brasil, aparece o suplemento de graça, que traz de novo as lides jornalísticas daquele que há 6 anos atrás, dedicava todo o seu carinho e entusiasmo à radio northerna, apresentando aos microfones da Portuense Radio Club, o semanário radiofonico «Fantasia da Manhã».

Seguindo a mesma trilha que o norteou com a criação daquele programa, hoje apresenta este suplemento da FOLHA PORTUGUESA, onde irá procurar fazê-lo sorrir um pouco, já que tristezas não pagam dívidas, e quem vier atrás feche a porta.

Do caro patricio espero somente a sua boa disposição, e espero também que se irmane comigo no propagandar da FOLHA PORTUGUESA, um jornal que merece todo o carinho da colônia lusa, porquanto ele será o porta-voz das aspirações lusas dentro do cenário grandioso do Brasil, e um elo mais forte a nos irmanar dentro do sentido de lutançandade, que jamais deixamos morrer.

Por hoje, é só, e desejando uma boa tarde, ótima disposição e bom ano agrícola, mormente em plantas amarelinhas.

## O DIRETOR

«CONTO POLICIAL» — A pedido de várias famílias, devidamente recenciadas, iniciamos neste número a publicação dos mais famosos contos de mistério, que serão apresentados em todas as edições das quartas-feiras, no faroleiro. Iniciamos hoje essa publicação, apresentando um dos contos mais populares no Brasil, em Portugal e arredores, no qual qualquer de nós se pode reconhecer, através da fidelidade com que o seu autor retratou tão emocionante situação.

Este conto — que nada tem com a esfinge de Pedro Alvarés Cabral — faz-nos cedido pelo conhecido «cão leve», domiciliado no ônibus «Estações».

Apresentamos, assim, o primeiro conto policial da série «Tire a mão daí» e que se intitula «Um Tiro pela Manhã».

Como é, vai-me entregar as 500 pratas, ou não?

— pessoa, sempre traz mil e uma complicações para os outros.

Ainda ontem, quando o encontrei, paramos um pouco para um rápido bate-papo, quando passou por nós, um nosso velho colega de ginásio, que me cumprimentou cordialmente, seguindo o seu caminho sem se dignar olhar para o amigo de Peniche. Intrigado, interrompi este, que me esclareceu: — E' O Ambrósio cortou relações de amizade comigo, desde o dia em que houve incidência em sua casa. — Mas, por que? — E' que eu quando o vi na janela do 1.º andar, arranjei uma prancha que encolei ao seu parapeto, e gritei-lhe para que deslissasse pela mesma. — Mas isso foi uma atitude digna, amigo de Peniche. — Pois é... Mas o diabo, é que me esqueci de o avisar do enorme prego que estava na prancha.

«VITRINE MUNDIAL» — Índia, Nova Delhi — Um aldeão cortou o nariz de sua neta porque a mesma se portava de modo a envergonhar o nome da família.

Se a moda pega, vai haver muita moça que terá dificuldade em explicar onde meteu o nariz.

«ALEMANHA» — No campeonato alemão de resistência a bebidas alcoólicas, venceu uma moça de nome Lotte Fueback, que bebeu 6 garrafas de «whisky» puro, completando a prova de lucidez, ao escrever à avessa todas as palavras de um ditado. Até na Alemanha, os Lotes são duros na queda.

«ASSUNÇÃO» — Um grupo de brasileiros, que aqui chegaram cheios de barras, foi a uma «boite» adhemasur no «show» carnavalesco. Quando a orquestra iniciou um número em sua homenagem, imediatamente abandonaram o local. O samba executado, foi o «Tire a mão daí, tire a mão».

«VILA MARIA» — Foram adiados os festejos de um casamento muito falado neste local. O motivo deste adiamento foi o fato de ainda não estarem prontos os quadros para a foto do casal.

«PINDAMONHANGABA» — Ele não está aqui, seu cobra

«VINHO SOCIETY» — Esteve bastante concorrido o último baile da «associação amigos do alheios» onde foram apresentadas as debitanças desta conhecida agremiação,

«O AMIGO DE PENICHE» — O amigo de Peniche, é em Portugal o «amigo da onça» no Brasil. Sujeito metido a boa

dos jornais. No final do baile, onde andamos a presença de retas» e cinco dedos e uma garucha», os seus frequentadores foram até ao pátio do colégio, em vistosas himancins verdes com as iniciais R.P. onde acabaram de festejar sensacional noite, tomando uma proveitosa e deliciosa «cana».

«NASCEU»... — Um enorme panariz no dedo do «Conde da Boa Vista. O médico se encontra bem e já mandou a conta.

«VIAGEM»... — Foi viajar para o interior do elegante pacelote do Carandiru, o conhecido comerciante em cartelas alheias, sr. Eberaldo Limpato. Espera-se que a viagem dure 5 anos, 3 meses e 2 dias, salvo se utilizar o novo meio de transporte usado naquele local pelo seu colega e mestre 7 dedos: — o tunel.

«CONVITE» — Fomos, mais uma vez, a setima em 10 dias, convidados pelo nosso alfaiate, afim de visitar o seu esmerado serviço de contabilidade. A um honroso e persistente convite, respondemos com a já tradicional frase das colunas sociais: — Depois eu pago. — IBERAI SUADO

**DIARIO DE UM PASSAGEIRO** — Apresento-me a V. Excias, declinando a minha identidade, registrada no respectivo bilhete com o nome de Pedro Panho Pires Palva Pevida, também conhecido pelo «Centopéias», dado este pequeno insecto e o meu nome próprio possuem muitos «Pás»...

Residindo em Santana Sur Mer, sou um dedicado, atento e venerando, e obrigado passageiro dos Serviços de Transportes Colectivos, já que ainda não tive a sorte de ser premiado com os sorteios de automoveis que amidade tem efectivação.

O único veiculo que possuí foi um triciclo de rodas de borracha, onde me levava como passageiro, no ferrinho de traz, o meu irmão mais novo, que hoje consegue ter mais idade do que eu, visto que foi sempre um ambicioso. Ando de bonde e de ônibus há mais de vinte anos e já merecia o título de passageiro honorário...

Espero que essa distinção ainda me há de ser entregue... Entretanto prossigo a confundir-me na multidão anónima que enche todos os lu-

gares em pé de um bonde e a lembrar-me, como recompensa moral, que tudo na vida é passageiro, excepto o cobrador e o motorneiro... Inicio o meu diário semanal, ao contar a V. Excias a singular peripécia que ontem vivi num ônibus da linha 6.

Como é costume, o carro ia reflecto. Porque sai mais tarde do escritório, tive que apinhá-lo em andamento, o que é sempre perigoso, dado o enorme número de pés que se fixam no espaço racionado do estribo... saltai... e teria ficado estatelado, se não amiga não me tivesse seguro no ar, ao mesmo tempo que me permitia ficar um pé no estribo e uma das mãos naquele pau que é a única tabua de salvação de muitos passageiros. Olhei o meu delicado salvador, e agradei imediatamente, sensibilizado. Era um homenzinho baixo, de aspecto insignificante, de boina na cabeça e um casaco azul, servindo de barreira aquelas que procuravam impedir a minha entrada.

Sempre sorridente, e talvez porque morava perto, foi-se afastando até a porta de saída, cumprimentando-me com delicadeza, demonstrando ser daquelas pessoas inofensivas que se orgulham de ser úteis ao seu semelhante.

Entretanto ia-me acercando do cobrador que nos exige as manolitas para nos transportar amolados, e eu verifico, com pavor, surpresa e vergonha, que não trazia a carteira comigo. Tinha sido roubado. Situação difícil, embaraçosa, obrigou-me a chamar a atenção do funcionário da «borboleta» que só usa gravata, para que, com voz e desmaiar, lhe rogai:

— O senhor cobrador desculpe... mas não lhe posso pagar... Roubaram-me a carteira, e como deve compreender, fiquei numa situação pouco tranquila...

— Mas... o senhor... — Eu sei... eu sei... em deixou-me ficar um vigésimo da loteria, o bilhete de identidade, o cartão de associado do Corinthians...

— Não há necessidade de nada disso... — Obrigadinho. O senhor confia em mim?

— Nada disso... — Mas... não o compreendo...

— É facil... o senhor não ne-

cessita inquietar-se... a sua passagem está paga... — Paga? Mas como? Por quem?

— Foi um passageiro que saiu na ultima parada... — Um passageiro?

— Sim... um homenzinho de aspecto insignificante, de boina, e que usava um casaco azul. Já um pouco usado...

**DE POETA E LOUCO...** — A poesia e a mulher completam-se...

Não há nenhum dos senhores leitores que um dia, na emoção momentânea que uma presença feminina lhe tivesse causado, não tivesse construído uma quadra, um soneto ou uma poesia heroica destinada à sua Musa inspiradora. Nós já trilhamos esse caminho aturelado de imaginação e atapetado de quimeras, e da nossa caixa de recordações, retiramos o nosso primeiro poema de amor...

Leiam... se não tiverem nada que fazer...

**E L A**  
Terceira pessoa - feminina - singular...

Quem faz as compras é ela, Abri a boca de espanto Quando vi essa mulher Mas depois para a fechar Só com um fecho de éclair

Fiquei logo apaixonado Segui-a, ia apressada E o seu andar tão leve Pós a rua esburacada

Olhou para traz uma vez Eu olhei-a embaraçado Cumprimentou-me e sorriu, Vi-lhe um dente cariado...

Atirou-me da trapeira Que tinha no seu quintal, Um vaso de mangerico Que me levou ao hospital.

Hoje ela é minha Julietta, Sou para ela o seu Romeu, Quem faz as compras é ela, Quem paga as contas sou eu...

**COLUNA**  
**CINEMATOGRAFICA**

ALAN LADD E O N.º 13 — Convençionou-se que o numero 13 é o do azar, e o facto é que

criou adeptos esta superstição, para a qual se buscam as mais irrefutáveis razões. E' possível que aqueles que aceitam tal dogma estejam dentro de razão, mas nós, longe de quereremos procurar criar polémicas, vimos dar um exemplo que contraria essa convenção.

Conhecem Allan Ladd? Exactamente... Aquela pequeno loiro, genero pastel de nata em bom estado de conservação — que é o fiel interprete do axioma de que «quanto mais me bate...» é uma das realidades que destrói o fidelismo daqueles que acreditam no azar que o n.º 13 oferece...

Que assim é, documenta-o a enorme popularidade e o valor monetário que a mesma ocasiona com a hipotética falta de sorte que o seu nascimento no dia 13 de Setembro de 1913, faria prevenir...

Allan Ladd enfileirou no numero dos meninos, prodígios, pois nascendo completamente analfabeto, aos 4 anos de idade falava correctamente a lingua americana, facto que nós, apesar de possuirmos o curso Superior de Letras minusculas, não conseguimos...

Aos 13 anos este astro cinematografico havia terminado o decimo-segundo ano da sua passagem nesta vida, e foi com 13 dolares que ele se avizinhou de possuir 14.

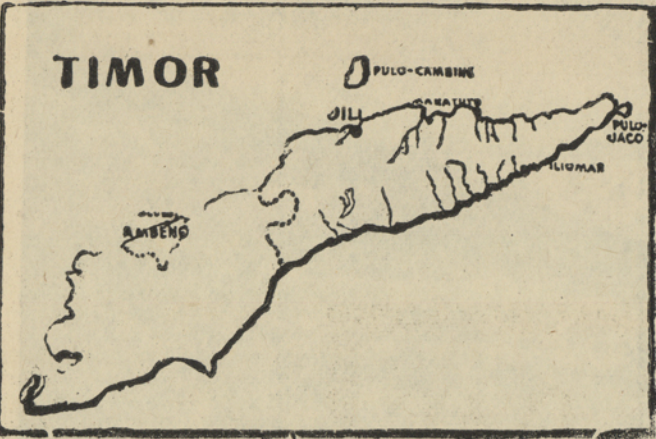
Benquistu entre o elemento feminino do seu bairro. Foi ele quem originou a celebre canção «Sete e sete são 14, e mais sete vinte e uma. Tenho de namoradas e já não bato em nenhuma».

Allan Ladd é o cínico do pano branco, o idolo dos meninos que ainda se lembram dos acções paternos e a cara mais lavada do cinema mundial. Antes de entrar para o cinema, distinguia-se na nataçáo, o que justificava muita água que algumas das suas interpretações acusam...

Com 42 anos de idade, já era tempo de ter julzo, coisa que anda muito arredia das gentes de agora... Foi reporter, primeiro passo para fazer teatro, e o numero 13 teve na sua vida extraordinária presença, pois que alguns dos seus biografos afirmam que Allan Ladd tem 13 cabelos brancos, possui 13 pares de meias e calça 39, que é o numero 13 em triplicata...



# FOLHA ULTRAMARINA



**SITUAÇÃO** — Constitui a parte oriental da ilha de Timor, na Oceania, entre 8.º 20', 15" e 9.º 30' de latitude Sul e 125.º e 127.º 0' 30" de longitude Este. É banhada pelo Oceano Índico e pelo mar de Banda, ficando a 500 kms. da Austrália.

**TERRITÓRIO** — Abrange sensivelmente metade da ilha de Timor, numa extensão de 300 kms. por 80 kms. Com o enclave de Oecussi em território indonésio e a ilha de Paulo-Cambing, ocupa um total de 18.948 m<sup>2</sup>. De costa geralmente acantilada, é muito acidentada, com um complexo sistema montanhoso, em que se regista a altitude máxima de 2.950 m. Possui alguns rios que correm entre florestas densas, mas nenhum curso de água é de grande importância.

**CLIMA** — Muito irregular e variável. As estações do ano caracterizam-se pelo regime de monções — a do mar (de novembro a maio), com fortes ventanias, trovoadas e

chuvas; e a terra (de junho a outubro), com ventos moderados, quase seca e pouca chuva.

**POPULAÇÃO** — 400 mil indígenas malaios, 500 europeus, 700 mestiços e 2.500 chineses.

**ADMINISTRAÇÃO** — De governo simples, com sede em Dili, um concelho em Dili e sete circunscrições, uma comarca dependente da Relação de Goa.

**COMUNICAÇÕES** — Possui apenas o porto de Dili com condições para receber a navegação. Dispõe de 1.750 kms. de estradas, cerca de 600 kms. de linhas telegráficas, rede telefónica na capital e serviços radiotelegráficos no território, bem como estação de radiotelegrafia e radiotelefonía para longa distância.

**ECONOMIA** — Assenta predominantemente na agricultura e no comércio. Escassa produção de café, copra e borracha. Indústria quase inexistente.

DE ALGURES PARA ALGUÉM

# Graças a Trás-os-Montes

por JAIME CORTESÃO

Passa-se do Minho a Trás-os-Montes: muda a face da terra e a alma do homem. Tudo se torna adusto e sério. Paíra sobre as coisas e os seres uma severa melancolia.

Trás-os-Montes, ao contrário do Minho, está de costas para o Atlântico. Isolada e alta, como uma torre de menagem, tudo em torno é grandeza: dão-lhe a volta o Marão e a serra das Alturas, o Douro e a Espanha.

Um clima violento e de acentuados contrastes reparte-a em Terra Fria e Terra Quente. Nos altos o vento gelado açoita; nos vales fundos o hábito de fogo abraça. Foi-se o pinheiro bravo, que se amantava com as brumas do mar. Na Terra Fria o carvalho negral, árvore da montanha, domina e atinge porte gigantesco; na Terra Quente medram o sobreiro e a amendoeira, próprios das planícies ou das colinas cáldas do Alentejo e Algarve. Pelas encostas, velhos castanheiros torcem-se e esbracejam, saltando frutos eriçados de espinhos. Mas aqui o castanheiro não emerge a custo dos mactios verdes das demais encostas, como no Minho. Senhor do espaço, alarga a copa livremente. Tem corpo e vida própria. Há indivíduos castanheiros, nada mais.

O que vemos agora em frente é uma paisagem grave e sóbria de planalto, que as tormentas rasparam durante invernações dramáticas, no coração da península. O Cabril, o Corgo, o Tua, o Sabor, são as feridas abertas desse corpo sangrento. Rara veiga, lá por Chaves, Mirandela ou Bragança, abre oasis na planura ondulada e ressequida, rasgada em largos horizontes.

O povoado rarefez-se também. Homens e serras têm um ar distante. De quem anda não parou. De quem está para largar, com fome de mais espaço.

Ainda que em menor grau de que no Minho, os castros marcaram na pre e na proto-história a terra transmontana. Panoias, Ribeira de Pena, Aboleira são outros tantos mistérios das idades longínquas, a desafiar a penetração dos arqueólogos. E ainda hoje, como nas Terras de Barroco, os homens conservam os costumes das primitivas comunidades agro-pastoris.

Mas dir-se-ia que esse habitante dos castros, ao descer dos cimos, não se fez, ao contrário do minhoto, lavrador. Os homens guardam porcos ou cabras, mas têm o ar de pastores guardando o Mundo. Podem habitar solares apalaçados, como o de Mateus, ou luras troglodíticas como as de Barroso. Não importa. Trazem todos na cara a inata senhoria.

Os transmontanos alimentam-se das coisas rudes e sátiadas da terra: o centeio, a batata saborosa de altitude, a castanha farinhaada. Fiéis ao bicho que lhes dá o presunto, o salpicão e a alheira, esculpem-no em berrões, e erguem na praça pública, como totem da tribo, a porca de Murça.

Uma rusticidade arcaica e uma hombridade, que atinge por vezes a soberba ibérica, marca os homens e os costumes. Nas terras de Barroso, a porventura o desvão mais arcaico da província, os homens vivem em casas baixas de pedras soltas, e cobertas de colmo. O pastor barrosão usa uma crosse e uma espécie de capa grossa e curta, de capuz. As mulheres, a capucha comprida, saias de sergüilhe ou de burel; nos tornozelos, as plunhas; e uns e outros, homens e mulheres, calçam os pés com socos duros e cardados ou nas estações menos duras, rompem de mão, que é como quem diz, andam descalços. Já em Miranda, frente a frente da Espanha, envergam, com orgulho, a capa de honras; e a sua dança típica, a dança dos paulitos, é antes uma luta gímnica de atletas, adestrando-se à paulada.

O transmontano é áspere, violento e assomado. «Enquanto — dizia Junqueiro — o transmontano mata um homem, o minhoto quebra um prato». Indomável é sempre pronto para a luta, é apto em grau extremo a comandar ou emprender aventuras em que se joga tudo. Antigregário por excelência, cada transmontano é um mundo: conta acima de tudo consigo próprio. É um

dezenas de casais transmontanos, acompanhados das famílias, embarcaram com materiais, instrumentos e sementes, para erguer casas, construir moinhos e alargar culturas, à volta da colónia. Já no estuário do Prata naufragou e perdeu-se o navio que conduzia a maior parte daqueles suprimentos. Dir-se-ia que Deus, o Deus de Job, quis provar na desgraça aqueles homens. Pois, apesar do desastre inicial, que abateria outros menos animosos, eles construíram as viviendas; repararam as defesas da praça, semearam cereais e plantaram vinhas, por muitas léguas de extensão, organizaram-se em Câmara e em companhias de ordenança, para defender, como defenderam, a cidade contra o assalto de exércitos de espanhóis e índios.

Mais que tudo, alargaram pelas campanhas do actual Uruguai, nas célebres Vacarias do Mar, as indústrias da pecuária e ajudaram a criar, da mistura com espanhóis e índios, o tipo do gaúcho, género e estilo de vida, que estão na base da formação económica e social da Argentina, do Uruguai e do Estado brasileiro do Rio Grande do Sul. E assim, graças à permanência transmontana da colónia do Sacramento, o estadista luso-brasileiro Alexandre de Gusmão pôde, por troca, delinear e dar sanção jurídica aos limites do Brasil.

Graças a Trás-os-Montes, as viagens oceânicas em torno dos continentes e da Terra, começaram em Diogo Cão e terminam em Fernão de Magalhães, padrões humanos dos grandes descobrimentos.

Graças a Trás-os-Montes, um Carvalho Araújo repetiu em nossos dias o feito heróico de D. Lourenço de Almeida, que morreu, desafiando a morte, catado ao mastro grande, a comandar.

Graças a Trás-os-Montes, Camilo, génio ibérico, fez soar as cordas mais violentas da paixão e do sarcasmo português; Junqueiro cantou, como os profetas bíblicos, as dores da Pátria no desterro; e Miguel Torga continuava a molhar na mesma tinta a pena máscula de poeta e contista.

Graças a Trás-os-Montes, Portugal mede o valor pelo giro dos mares e a grandeza do Mundo.



UMA ESMOLA PELO AMOR DE DEUS

## As Obras de Assistência em BENGUELA

Em todo o Ultramar é a cidade de Benguela uma das que mais se distinguem pela amplitude e importância das suas instituições de assistência. Sendo uma das mais antigas povoações de fundação europeia em Angola — pois os seus primórdios datam de 1617, quando Manuel Carneiro Pereira edificou a fortaleza de S. Filipe de Benguela e à sua volta os primeiros estabelecimentos de evangelização e comércio rapidamente se formaram — pode já abranger-se em mais de três séculos a irradiação da sua influência civilizadora. É Benguela, sem dúvida, uma das cidades mais retintamente portuguesas do Ultramar, no velho sentido tradicional que a expressão pode ter; e as suas obras assistenciais são ainda um reflexo significativo desse carácter, que em nada se abastardou com a marcha dos seus avultados progressos económicos e sociais nas últimas décadas.

Entre as instituições que honram, sob este aspecto, o sentido espiritual e moral da acção portuguesa na vetusta cidade angolana cumpre destacar o Dispensário de Puericultura, onde se fazem anualmente muitos milhares de consultas médicas e de higiene infantil, análises, aplicações de ondas curtas e raios X, pequena cirurgia, injecções, tratamentos e curativos, vacinações, etc. No Dispensário prestam-se ainda outros benefícios valiosos às populações locais, como a distribuição de leite fresco ou industrializado aos que precisam, fornecimentos de sabão, farinhas, açúcar e outros artigos alimentares e donativos de roupas às crianças pobres. Passam de 1.500 por ano as crianças que são assistidas nesta benemérita instituição, das quais 1.250, normalmente, são filhas de indígenas.

O «Beiral de Benguela», por sua vez, recebe crianças pobres saídas das escolas, amparando-as até à idade de poderem integrar-se na vida prática. A Cantina Escolar está a despendar cerca de 600 contos por ano no auxílio aos alunos pobres da instrução primária local. Outra instituição notável neste capítulo é o Jardim-Escola, que iniciou as suas actividades em Março de 1954, sendo mantido por dotações do orçamento provincial. Está a funcionar com lotação completa: 90 crianças, entre os 4 e os 7 anos de idade, assistidas por três professoras. Na admissão das crianças não se faz qualquer distinção de raça nem de condição social. No Jardim-Escola são fornecidas duas refeições diárias e é prestada assistência médica completa. As crianças mais pobres

têm direito a roupas e calçado, pagando as restantes uma quota baseada nas possibilidades das respectivas famílias.

Conta também pouco mais de um ano de existência a Casa de Trabalho das Raparigas, onde são abrangidas permanentemente 75 raparigas pobres. Aí recebem o ensino de costura, culinária, bordados, rudimentos de escrituração comercial e dactilografia, etc. Os trabalhos confeccionados pelas beneficiárias são vendidos, revertendo a seu favor oitenta por cento das receitas obtidas. Além do orçamento da Província de Benguela, contribui para esta meritória instituição de assistência social o Instituto de Assistência Social de Angola, que pode incluí-lo justamente entre as suas mais nobres realizações.

No antigo posto agrícola do Cavaco está presentemente a instalar-se a «Granja dos Rapazes», onde serão recebidos os adolescentes brancos ou mestiços em perigo moral; e está projectada para breve a construção de um Abrigo Infantil para Orfãos, encarregando-se desde já a organização religiosa das Irmãs Hospitalares de recolher crianças que serão posteriormente recebidas no Abrigo. No que respeita à assistência médica, é Benguela, igualmente, um dos principais centros de actividades e serviços em todo o território de Angola. A Direcção dos Serviços de Saúde mantém um hospital com laboratório, serviços de radiologia e diversas especializações clínicas. O Grémio da Pesca de cuja acção económica se têm feito na Metrópole repetidas e justas referências, possui dois hospitais, dois postos hospitalares e 27 postos de socorros distribuídos pelos diversos locais de populações piscatórias. As enfermarias e postos sanitários mantidos pelo Estado, os dispensários de assistência de iniciativa particular, a Casa de Saúde também de fundação privada, os dois laboratórios de análises clínicas em serviço, as leprosas, etc., formam em Benguela uma admirável conjunto de instituições que enobrecem a tradição benemerente e assistencial de Benguela. Algumas das instituições referidas encontram-se instaladas em bons edifícios, que se destacam no desenvolvimento urbanístico da cidade durante os últimos anos.

Pela conjugação eficaz da acção do Estado e da iniciativa particular, Benguela dispõe presentemente de um conjunto de obras assistenciais que a prestigiam no seu ressurgimento contemporâneo e que podem ser apontadas como exemplo do esforço português para prolongar a pátria em terras africanas.

## NO DESFILADEIRO DO «DEUS LHE PAGUE»

Trágica Passagem Para Pedestres — São Mãos Longas, Finas, Curtas, Feias, Grossas, Sujas, Secas, Brancas, Pretas, Pardas, Rijas, Moles, Tremulas, Sordidas, Sadicas, Sinistras Que Dramaticamente se Estendem Aos Passantes...

E Enquanto os Passos Dos Pedestres Ressoam Lugubres Nas Tabuas, os «Deus Lhe Pague» se Misturam Tristes no Ar...

Estavamos no desfiladeiro do «Deus lhe pague...» Depois de passarmos por meia-duzia de pedintes de varias caras e feitios tivemos que subitamente sustar nossos passos diante de um pobre homem de meia idade que, sentado no chão de cimento, as costas apoiadas no tapume de tabua e as pernas, quase nuas, abertas em compasso, suplicou-nos, em voz cansada, abrindo as mãos em garras:

— Amigo! Ajude a um patricio! É um brasileiro que ainda não almoçou! Deus o recompensará...

E como o fizessemos perscrutadoramente, ele continuou, agora de olhar duro e voz aspera:

— Sim, Deus o recompensará porque quem dá aos pobres empresta a Deus... E, sim, meu amigo, Eu bem que podia roubar; mas infelizmente não nasci ladrão. Se peço é porque estou doente e não posso trabalhar. Acho que não tem nada de mal. Quem pode mais tem que olhar pelos que podem menos; o sr. não acha? O senhor não acha que ninguém tem culpa de ser pobre?...

Achamos, é claro. E também nos lembramos do personagem de Joracy Camargo, em sua peça «Deus lhe pague», quando diz ao amigo, mendigo como ele:

«...Abandonei a sociedade e resolvi pedir-lhe o que me pertence. Exigir é impertinência; pedir é um direito universalmente reconhecido. Dá prazer a quem se pede, e não causa inveja a ninguém. O senhor já reparou que ninguém é contra o mendigo? Por que será? Pelo seguinte: porque o mendigo é o homem que desistiu de lutar contra os outros... De resto, esmola não é sacrificio — é sobre! Sim, é sobre, e resto, é a alegria de quem dá porque não precisa pedir!... Mas há o outro lado da medalha: obrigado a mendigar, obrigado a pedir, obrigado a humilhar-se, vai o mendigo se enriquecendo... É um especie de vingança; a vingança dos ofendidos...»

Os olhos do mendigo brilhavam. Fome?... Desespero?... Ódio?... Passamos-lhe alguns cruzeiros. Sua mão de aranha

Por GABRIEL MARQUES

fechou-se voluptuosamente. Seguimos. Sua voz ecoou em nossos ouvidos, num som rascante de vidros moídos:

— «Deus lhe pague!...»

«Deus lhe pague!...»

Era no desfiladeiro e anoitecia...

MENDIGOS... MENDIGOS... MENDIGOS...

Como se sabe, prosseguem, em passos de cágado, as obras do vaiduto sobre a avenida Anhangabau, antiga Iitororó, arteria que dará vazão ao trafego para o bairro de Vila Mariana e outros adjacentes. Preconizada pelo então prefeito Prestes Maia, há mais de ano essas obras se arrastam num faz que vai-mas-não-vai... E como os trabalhos relativos ao piso da avenida estão mais ou menos paralisados, e preciso se tornou impedir o transitio, resolveram os luminare abrir uma passagem provisoria, estreita e em contovelo, à margem do leito da rua, facilitando a ligação entre a avenida Brigadeiro Luiz Antonio e o largo de São Francisco.

O intento não é mau, nem mau é o piso improvisado, metade cimento, metade tabuas. É pena ser mal iluminado, tornando-se um tanto quanto perigoso à noite. De resto, favorece encontros amorosos e armadas ciladas perigosas. Mas, o que mais vem ali causando sérios aborrecimentos aos tran-

seuntes, aos que não temem enfrentar esse sinistro Desfiladeiro do «Deus lhe Pague», é a trágica fileira dos mendigos, sempre de mãos estendidas aos passantes, a suplicarem uma «esmola pelo amor de Deus...» E há, ali, de todos os tipos de homens e de mulheres. Há de todas as idades e de todas as cores. E crianças; crianças de cores; crianças que mal engatinham; crianças que a todos fitam de olhos parados e aflitos; crianças que a correr se enfiam pelas pernas dos pedestres; e até crianças que dão pontapés violentos nas canelas dos passantes...

E são já «habitués» no local. Cada qual tem seu canto reservado. Os novos que se arranjem. Quehem um bom lugar? Um lugar de farta colheita? Que esperem uma vaga... Talvez algum colega morra... ou mude-se para lugar melhor... Há uma pobre mulher, que além da criança de colo, sempre agarrada ao seu murchinho, tem mais quatro filhos em volta, a choramingar, e sempre ranhentos... Há também os aleijados em carrinhos, a querer impingir suas bugigangas a todos; e há os que exibem suas feias chagas abertas em pernas pretas; e os que apresentam horribes defeitos físicos, e ainda os que, estirados no chão, como um trapo, ali mesmo a céu aberto, sua grossa cachaceira...

São mãos longas, finas, curtas, feias, grossas, sujas, secas, brancas, pretas, pardas, rijas, moles, trémulas, sordidas, sadicas, sinistras, que dramaticamente se estendem aos passantes...

São, pois, quadros vivos dos mais dolorosos, os que se enfileiram no sinistro desfiladeiro do «Deus lhe Pague»...

Por falar em «Deus lhe Pague», por onde andar o tal Serviço Social do Estado?...

a abastados e respeitáveis segunhos cruzeiros eu intão-se iria buscar a familia toda, que por lá a miseria andava de amargado... Cumo sou cabra que não tem medo de trabalho, fui p'ro sertão de São Paulo trabalhá em plantações... Uma folhada mal calculada pegou minha mão... Tratei dela c'uns cozimentos... A mão inchou, imenino, de fazê chorá... Depois, garrou a pretejá... Toquei intão-se p'ra cidade. E o medico disse que a salvação era cortá tudo... Pois foi assim, meu irmão, que fiquei desse jeito: sem mão p'ro trabalho...»

O Terceiro foi simplesmente amargo. Era mulher. Mulher com três filhotes à roda. Mulher de rosto chupado e vestido sujo como a vida de muita gente «granfa». As crianças, ali mesmo comiam, dormiam e faziam tudo que lhes desse na telha ou lhes impusessem os intestinos...

E a mulher falou:

— «Sou uma pobre viuva, sem mais ninguém se não estas crianças. Durmo de favor num barraco mal coberto, do lado da Penha. Não ho onde comer nem tenho meios de dar comida aos meus filhos. Vivo assim, ao Deus dará... Trabalhar?... Pois sim! Trabalhar de que jeito, se ninguém me quer por causa das crianças?... Quem é mesmo que suporta crianças dos outros, não acha?... Tenho que pedir... Quem me quiser dar, que dê; quem não quiser, paciência... Meus filhos não podem morrer de fome... não acha?...»

O pobre mulher se não tinha um plano de vida para seus filhos, quando homens, se não alimentavam algum ideal possivelmente realizavel no futuro, respondeu-nos ela, num riso abafado, sarcástico:

— «Ideal?... Ideal não gosta de barriga vazia!...»

Será mesmo que não gostava?...

**INDUSTRIAS METALICAS**  
**B. F. MENDES LTDA.**  
 Fabrica de Esquadrias em Ferro -  
 Liga de Alumínio e Metal  
 Departamento para consultas técnicas  
 AV. D. PEDRO I, 580 — FONE 740 (p. f.)  
 — Santo André —

Porte e registro de armas — Alvarás para festas, bailes, etc. — Carta de chamada — Cartas para motorista — Transferência de veículos — Licenciamento de veículos — Legalização de livros fiscais — Abertura, alteração e fechamento de casas comerciais — Carteira de identidade — Carteira modelo 19 — Naturalizações — Passaporte — Revalidações — Venda de passagens aéreas e marítimas — Serviços de feirante em geral.

**ARTHUR N. DE MELLO**  
 Despachante policial oficializado  
 Todos serviços em laboratório de análises clínicas, revalidações, vistoria, etc.  
 RUA ALVARES PENTEADO, 87  
 7.º ANDAR — SALA 8 — TEL. 37-9164  
 SÃO PAULO



## AOS EXMOS. SENHORES DIRETORES DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUESAS DO RIO

Esta página está franqueada às Associações Portuguesas do Rio de Janeiro. Fica em branco, à disposição dos ilustres Diretores e associados. Tudo quanto se refere à vida associativa, encontrará nesta, ou noutras se necessário, o espaço devido a esse noticiário. A nossa missão é informar com honestidade, noticiar com clareza. E qualquer dessas finalidades só poderá ser alcançada com a vossa colaboração. Assim, atingiremos dois objetivos: a obrigação moral de VV. SS. em trazerem informados os vossos associados; o nosso dever de informá-los por todos os meios ao nosso alcance.

Não pretendemos alhear-nos dos problemas internos das Associações, não podemos deixar de compartilhar das vossas lutas em benefício dos vossos filiados. Contai, pois, integralmente com o nosso desinteressado apoio. Nós daremos publicidade, GRATUITAMENTE, a todos os vossos comunicados, daremos cobertura a todas as vossas iniciativas.

Cumpre-nos esclarecer que, possivelmente, este primeiro número não será recebido pela maioria das Associações, visto ignorarmos os endereços e os mesmos nos não terem sido fornecidos na Federação das Associações Portuguesas, a quem os solicitámos. Tão logo tenhamos conhecimento dos mesmos, enviaremos a todas mais de um exemplar, sem cobrança de assinaturas. Não é lógico que cobremos seja quanto for, de uma associação recreativa ou beneficente.

Na próxima semana este jornal contará com fotógrafo permanente no Rio de Janeiro e o mesmo fará cobertura fotográfica de todos os acontecimentos associativos dignos de registro, sem COBRANÇA DE QUAISQUER TAXAS OU MATERIAIS. O fotógrafo é do jornal e está ao serviço do público, dos leitores, e assinantes. Cumpre uma das muitas finalidades da imprensa.

Em conclusão: no mútuo interesse de devoção à família portuguesa, agradecemos que nos comuniquem quanto julguem interessante dar a conhecer aos associados das vossas agremiações e ao público português em geral.

A VV. SS., antecipadamente, os agradecimentos da «FOLHA PORTUGUESA».

Mariano DE CANENA

**Confiamos no Vosso Patriotismo!...**  
**Esperamos a Vossa Colaboração!...**



# O PORTO

NUM BELO LIVRO DE IMAGENS

O dr. Frederico Marjay publicou há pouco mais uma das suas obras da «Coleção Romântica» que o seu apaixonado lusitanismo em boa hora lançou.

Depois de «Portugal Romântico» e «Lágrimas Celestes», vem «Porto e seu Distrito — Suas belezas e seus encantos».

É, pela apresentação gráfica, um maravilhoso livro de arte, que nada fica a dever ao que de melhor se tem feito no género lá fora.

O dr. Marjay tem o amor das paisagens, dos monumentos e das figuras. Sabe observar e escolher. As imagens que seleccionou para o volume a que nos referimos denunciam bom gosto e requintada sensibilidade.

No texto que antecede as gravuras, fala-nos o dr. Marjay do «Porto, bulhento e guerreiro, depois parcialmente transformado no burgo das aventuras românticas e de onde surgiu, mais tarde, essa cidade moderna, energeticamente trabalhadora, activa e de notável comércio e de pujante industria, fazendo lembrar Antuérpia ou as cidades hanseáticas. É este complexo conjun-

to que lhe empresta aquele irresistível encanto que nos invade desde o primeiro momento em que o conhecemos».

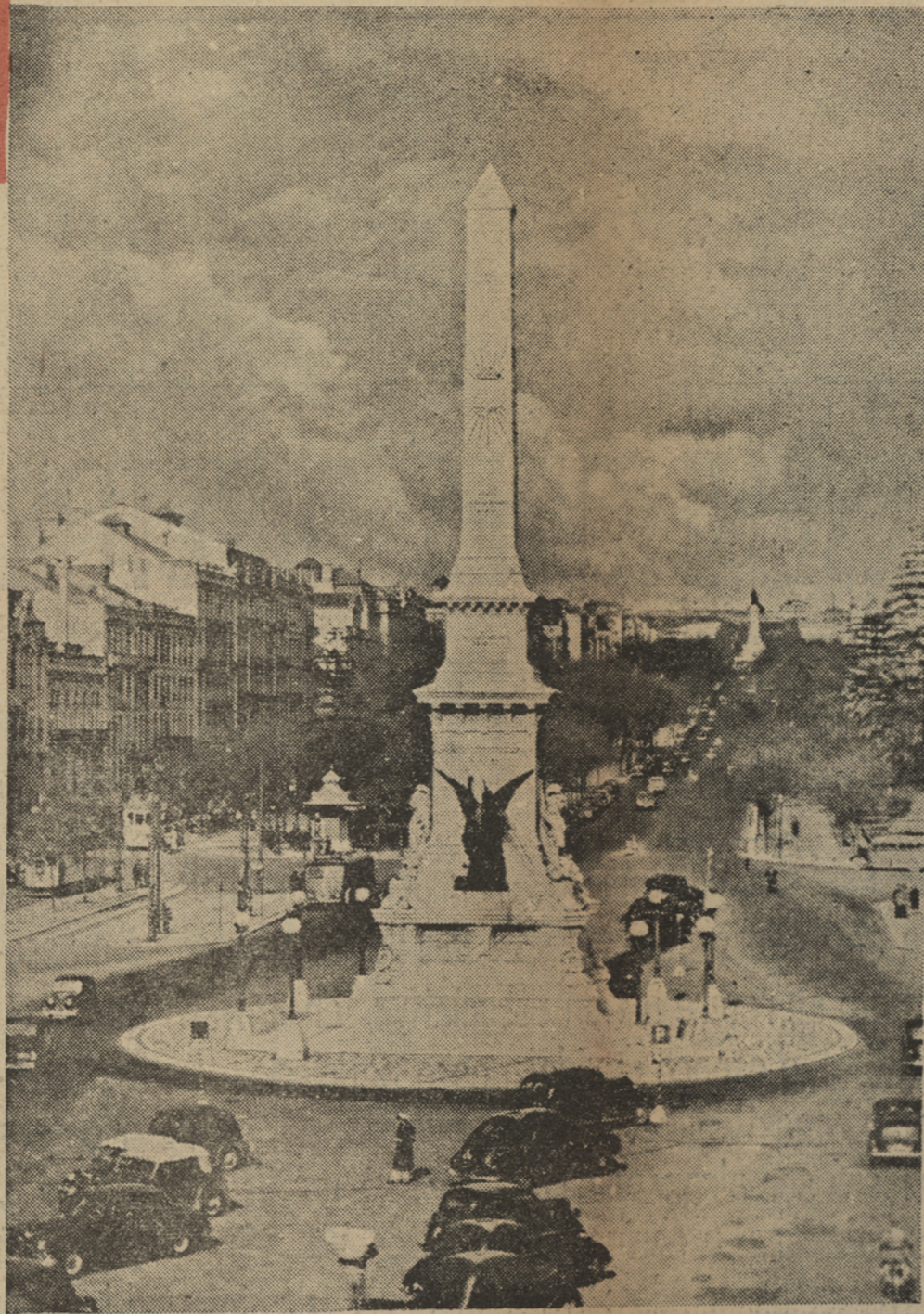
O autor consagra vários capítulos à Cidade da Virgem, às suas jóias arquitectónicas, ao Vinho do Porto, ao Porto industrial e mercantil, às seculares relações de aliança política e profunda amizade existente entre Portugal e a Nação Britânica, às Festas e Romarias do Norte, à vida intelectual e social, etc.

Mas a obra vale sobretudo pelas gravuras feitas sobre fotografias de Alvão, Mário Novais, João Martins, Teófilo Rêgo, Pinto de Miranda, A. Cerqueira, Tavares da Fonseca, Carlos da Cunha, Santos de Almeida e outros.

É aí que nós encontramos a alma do Distrito do Porto, revelada na sua história, nas suas pedras, na sua arte, no seu trabalho, nos seus templos e panoramas.

Há páginas que são autênticos poemas evocativos, em que os nossos olhos gozam deliciosamente.

O Porto e Portugal devem agradecer ao dr. Frederico Marjay a sua admirável iniciativa.



Uma imagem de Lisboa, tão bem definida pelo ilustre Governador do Estado de S. Paulo, sr. Jânio Quadros, que a comparou a «uma camisa lavada, passada a ferro e engomada», em palestra com os jogadores do fabuloso Paço d'Arcos.

# PAISAGEM

Historia Folclore e Arqueologia Fazem da Louzã Uma Terra Privilegiada

Por  
**Luís Ferreira**

A vida na serra é também uma escola de amor ao trabalho, onde muito teriam que aprender quantos na cidade andam sempre maçados por... nada fazerem — afirmou o Prof. Amorim Girão quando em 1935 percorreu a Serra da Lousã por ocasião da festa do seu Centenário Turístico. Justa observação para todos aqueles que raramente saem dos grandes aglomerados a aproveitar uns fins de semana ou uns dias de férias.

O campo, sobretudo nas regiões onde a natureza se mostra mais aversa, apresenta sempre múltiplos motivos de atracção e de beleza, muitas vezes tão exuberantes e grandiosos como em outros países em que o turismo é uma importante fonte de receita.

Na serra, batida por ventos e chuvas inclementes, dourada por Sol de intensa luminosidade onde, por vezes, suave brisa acaricia as agrestes regiões para muitos inacessíveis, o homem multiplica-se em trabalhos e canseiras para colher o pão de cada dia.

Tudo ali é arrancado à força de persistência e de coragem e o homem torna-se senhor absoluto da sua vida sempre entregue aos destinos da Providência, que uma prece ou ingénua promessa dá lugar ao milagre da sua existência...

Está neste lugar a Serra da Lousã sobranceira à vila de de seu nome como sentinela

altiva que domina o centro de Portugal de posição e altitude invejáveis como rainha soberana de cuja coroa que se eleva a 1.202 metros a vista alcança o mar.

Paisagem, história, folclore e arqueologia, tudo na Lousã se conjuga para tornar aquela região lugar privilegiado como meta de excursões turísticas. ENCANTADOR LUGAR AL-CANDORADO NA SERRA, NINHO DE ÁGUAS QUE DOMINA A MONTANHA

Com a exploração intensiva dos seus tratos de terreno; os campos que rodeiam a histórica vila da Lousã, junto aos contrafortes da Serra, são economicamente aproveitados e o povo tem ali o seu pequeno celeiro onde nada falta — nem fartura, nem mingua — o suficiente para que a vida seja aquilo que Deus quiser que seja.

Na serra é assim. Nos pequenos lugares — meia dúzia de casinhas rudes, aconchegadas como ninhos de águas — observadas do sopé, escuras como a rocha, parecem casas de bonecas, salientando-se aqui ou além do dorso imenso das montanhas.

Entre as casas toscas onde as grandes lajes resguardam os telhados do vento e da chuva não existem arruamentos. O próprio terreno, em declive, escorregadio e por vezes abrupto, que separa frente a frente as primitivas habitações e que não chega a ter metro e meio de largura, serve de ligação entre outras pequenas casas mais para cima que se cruzam formando, por vezes, uma cruz simbólica. Os animais domésticos estão instalados em compartimentos contíguos às habitações, numa promiscuidade impressionante. A serra é assim. A gente acostuma-se a tudo e se nasceu ali, ali morrerá agarrado ao pouco que é seu e ao muito que a Natureza lhe dá para além da vertente, imagem colorida e tonificante onde o olhar se prende a perder de vista a léguas de distância. Compensações. Nós, os da cidade, vivemos na obscuridade da meia-luz, onde o Sol é filtrado pelas claraboias e a noite é despertada pela electricidade... A Natureza, para muitos é coisa desconhecida. Tudo fictício, artificial, cinematográfico, que mais tarde ou mais cedo obriga ao uso de óculos.

Os serranos — os da Lousã, pelo menos — não vão ao cinema. Não podem. Os poucos recursos e a necessidade de no dia seguinte, ao despertar da manhã, habitarem no amanho da terra, não lhes permitem ter qualquer espécie de distração. Jogam a malha e as crianças brincam na eira. As Ave-Marias recolhem lentamente a casa até se fazer escuro. Depois tudo é sossego e apenas uma tênue claridade de um pavio alumia os mais retardatários.

Em Catarredor, no alto da montanha, o lugar não tem mais do que uma dúzia de habitações.

Alguns quilómetros pela estrada da Castanheira e um desvio conduzem-nos a largo terreno. Depois, um caminho estreito e pedregoso entre a rocha abrupta e pinheiros bravos leva-nos ao alto da montanha onde se aglomera em pequeno planalto o lugar de Catarredor. Catarredor, porque os primeiros habitantes daquele sítio tudo em volta lhes era possível catar à vista. E de fato, em redor da montanha outras ainda mais altas confundem-se com o céu. A pequena capela, caída de branco era um símbolo entre as casas escuras e tristes. Na sua ingenuidade alguém gravou na pedra junto à porta os seguintes dizeres: «NOÇACENHORADAS PREÇAS — 1945».

Daqui a vista ainda se alonga, mais deixando ver os vales profundos onde as ribeiras de água fresca em curvas sinuosas, levam a vida aos campos sequiosos para lá das Ermidas.

**DIA A DIA A LINDA VILA REMOÇA-SE E ESPERA QUE O VIAJANTE LHE DESCUBRA TODO O SEU ENCANTO**

Os Serviços Florestais instalados na Serra da Lousã têm prestado importantes benefícios toda a região. Nota-se por toda a parte o interesse em melhorar e ativar a plantação de pinheiros, proceder aos necessários cortes e construir estradas em todas as regiões. Trabalha-se intensamente no aformoseamento da Serra da Lousã. O Município também não descarta os interesses do conselho e a vila é bem o espelho da sua vasta obra. Oportunamente já nos referimos ao aspecto ridículo e urbanístico da linda vila que de dia a dia se remoça e espera o viajante.

Junto à vila, num pequeno vale da encosta imensa da serra está instalada a Fábrica do Papel do Penedo, da Companhia do Papel do Prado, uma das mais antigas do país que presentemente trabalha ininterruptamente, com três turnos de operários.

O diretor da fábrica sr. Armando Santos, teve a amabilidade de nos acompanhar numa visita às instalações, que observámos atentamente, colhendo a melhor impressão.

O papel fabricado pode considerar-se do que de melhor se adquire no estrangeiro e nos últimos dois anos desde que a Companhia ali reorganizou os serviços, a industria prosperou e a laboração faz-se nas melhores condições técnicas.

O pessoal operário tem recebido alguns benefícios de ordem social e do que nos foi indicado verifica-se que muito há ainda a realizar naquela matéria.

Da nossa rápida mas inesquecível visita à vila da Lousã alguma coisa há ainda a dizer sobre o problema turístico do conselho.

O sr. dr. António Jorge Mestre, presidente da Comissão Municipal de Turismo da Lousã, prometeu-nos voltar ao assunto, com algumas considerações que reputamos de grande interesse para o progresso e valorização de uma das mais belas regiões do País.



Ano I — São Paulo, 21 de Março de 1956 — N.º 1

ASPECTO DA MAGNÍFICA AGÊNCIA DA «PANAIR» EM DUSSELDORF, ALEMANHA UMA DAS MUITAS QUE HONRAM A ESPLÉNDIDA ORGANIZAÇÃO

PAG 7

**DEFENDA-SE DO CANCER!**  
Não jogue fora seus livros, jornais, revistas e papéis velhos. Ofereça-os à CAMPANHA CONTRA O CANCER pelo fone: 31-4875 e iremos retirá-los.

## Vitoriosa uma iniciativa de Portugal: Constituída a Associação Interamericana de Café

O projeto vai ser assinado pelos governos dos países participantes — Comparece ao conclave o observador do Brasil, sr. Teófilo de Andrade

LISBOA, 18 (ANI) — O projeto de constituição da Associação Interamericana de Café, que foi o principal objetivo da realização desta conferência, deve-se, em grande parte, à iniciativa de Portugal — o qual é o principal produtor no conjunto de países cafeicultores africanos, que detém vinte por cento da produção mundial do café — apoiada, primeiro pela Bélgica, depois pelos restantes países que intervieram na conferência. O projeto prevê a cooperação entre os países membros da Associação, os quais decidirão por meio de um acordo, os problemas referentes à produção e ao comércio do café. Todavia, o projeto de constituição, elaborado na conferência — que foi lido na última sessão pelo delegado belga Staner — vai agora ser assinado pelos governos dos países representados na conferência e poderá ser objeto de alterações, provocando a convocação de nova conferência.

## FORTE TEMPORAL EM LISBOA

LISBOA, 19 (ANI) — Alguns navios estiveram ontem em perigo ao longo da costa portuguesa, devido ao forte temporal que se fez sentir no mar e em quase todo o país.

A Barra do Tejo foi encerrada por causa do mar encapelado. Ao largo das Ilhas Berlengas o vapor norueguês «Aker», em luta contra o mar, perdeu um tripulante, varrido do convés por onda alterosa. O navio, com a água aberta, chegou ao fim da tarde em frente a Cascais, mas não entrou no porto devido a Barra estar impraticável.

Um navio espanhol comunicou estar avariado, esperando-se a sua chegada a Lisboa. As carreiras fluviais no Rio Tejo foram suspensas pelo mesmo motivo. O vento ciclónico (que se fez sentir em quase todo o país) ocasionou a queda d'uma seringueira antiquíssima, existente no lago do Campo Grande, em Lisboa, apesar da árvore estar amparada com espigas de aço.

A Associação Interamericana de Café, que foi o principal objetivo da realização desta conferência, deve-se, em grande parte, à iniciativa de Portugal — o qual é o principal produtor no conjunto de países cafeicultores africanos, que detém vinte por cento da produção mundial do café — apoiada, primeiro pela Bélgica, depois pelos restantes países que intervieram na conferência. O projeto prevê a cooperação entre os países membros da Associação, os quais decidirão por meio de um acordo, os problemas referentes à produção e ao comércio do café. Todavia, o projeto de constituição, elaborado na conferência — que foi lido na última sessão pelo delegado belga Staner — vai agora ser assinado pelos governos dos países representados na conferência e poderá ser objeto de alterações, provocando a convocação de nova conferência.

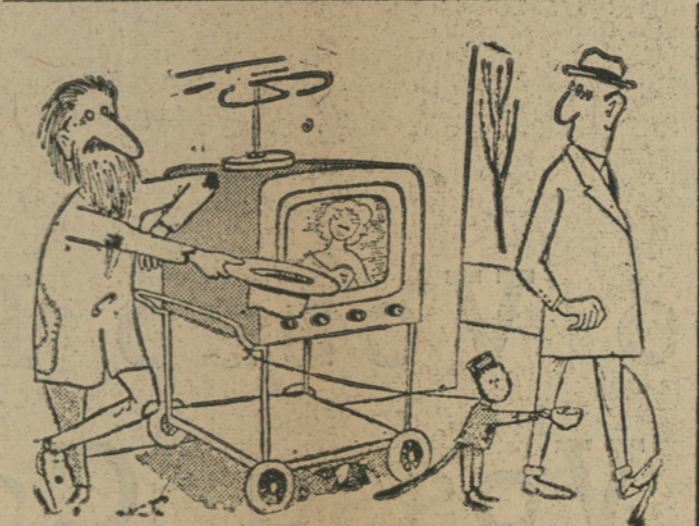
Na última sessão, compareceram pela primeira vez os

observadores convidados, delegados do Brasil, Colombia, da Fedegame, do Pan American Coffee Bureau, e do International Coffee Bureau. Antes dessa reunião que se realizou à tarde, sob a presidência do dr. Rui Teixeira Guerra, diretor geral de Negócios Económicos consulares do Ministério de Negócios Estrangeiros, houve outra, somente para os países membros da futura Associação.

O dr. Teixeira Guerra, em nome do governo português, saudou os delegados estrangeiros e congratulou-se pelo êxito da conferência. O dr. Pereira Bastos, vice-presidente da Junta de Exportação de Café Portuguesa e chefe da missão portuguesa à conferência, salientou o mérito da reunião. O dr. Teófilo de Andrade, delegado do Brasil, aplaudiu a realização da conferência e teve palavras de elogio para Portugal, destacando o significado da comunidade luso-brasileira.



## BELEZAS E MISÉRIAS DUMA CIDADE GRANDE



Sensacional série de reportagens a partir do próximo número

LEIA, ASSINE E DIVULGUE: «FOLHA PORTUGUESA»

SEM PALAVRAS



TRABALHOS RURAIS NA LOUSÃ



**Papeis para todos os fins**  
Assetinado — Sulfite — Manilha — Couchê — Flor-Post — H.D. etc.

**Papel cortado em qualquer formato - Papelão de todas as qualidades**

Todos os papeis para embrulho e impressão Solicite a visita de nosso vendedor, sem compromisso

**OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA**

**IRMAOS MADI**  
ATACADISTAS DE PAPEIS

Rua da Mooca, 927 - Fones: 32-4367 - 32-4368 - 37-2716



RAUL MOTTA A FOLHA PORTUGUESA



**"PRETENDO  
 RADICAR-ME  
 NO BRASIL"**

Vencedor de um concurso de amadores — "Volta ao Mundo", seu maior sucesso — Brasil, sua segunda pátria — Dono de uma garagem e contratado das Emissoras Associadas (2.a página)

Texto de **CELSO FARIA**  
 Fotos de **ANGELO OGNIBENE**

Revolução no Cinema Inglês

**TALENTO APENAS**



**PAG. 2**

Até o Inglês Saiu Daquele Seu Recato Cantado em Prosa e Verso, Pelos Que Defendiam o Cinema Puro — O Homem já Não se Satisfaz Somente Com a Beleza do Espírito... — Pernas e Bustos Como Propaganda,

**NÃO RESOLVE...**

Cidália Meireles:

**"SOU FELIZ"**

"A voz internacional do fado" — "slogan" que cruzou fronteiras — O amor desfez um trio — A compreensão do amado possibilitou-lhe o retorno à arte — A falta de crianças que enchem as minhas horas vazias (declara-nos Cidália) é a principal razão do meu regresso à vida artística. Um derivativo e não uma necessidade" — (Texto de Mariana de CANENA — Fotos de Angelo OGNIBENE) — PAG. 2 —



★  
 PAG. FEMININA  
**O VELHO MALAQUIAS**  
 Por **Carmen Figueiredo**  
 ★

**LEIA**  
 PAG. LITERÁRIA  
**GASTÃO DE BETTENCOUR**  
 E O TRICENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO DE PERNAMBUCO

★  
**FUTEBOL PORTUGUÊS E BRASILEIRO**  
 NAS PAGES.  
 ★

**NÃO COGITA A PORTUGUESA EM TRAZER JESUS CORREIA**

Jesus Correia é uma incognita como técnico — A Portuguesa de Desportos precisa realmente de um orientador para seu Departamento de hoquei — Um "luxo", ter Jesus Correia em nossa equipe — Declarações do sr. Raul Lopes à "Folha Portuguesa"



Sem fundamento a notícia corrente em Portugal de que a Portuguesa de Desportos de São Paulo está interessada em trazer o famoso Jesus Correia para treinador de sua equipe de hoquei. Sabedora desse boato, nossa reportagem procurou na sede da Portuguesa um mentor rubro-verde, a fim de saber até onde ia a veracidade do facto. Em conversa com o sr. Raul Lopes, esforçado batalhador pelo progresso da modalidade esportiva, disse-nos: "Que eu saiba, carece é imprudente a notícia de que a Portuguesa estaria interessada em Jesus Correia. O que sei é que a Federação havia consultado Jesus Correia, sobre a possibilidade de vir ele treinar a seleção Paulista, mas a Direção da Portuguesa nem mesmo pensou nisso. O nosso clube realmente precisa de um técnico de hoquei, mas por ora não podemos acarretar com grandes despesas como a que seria necessária para a vinda do atleta luso. Jesus Correia tem em Portugal muito bom emprêgo, que lhe dá uma renda razoável, e a Portuguesa teria dificuldades em oferecer-lhe melhores vantagens aqui, por ser o hoquei um esporte amador, não tendo a nossa agremiação verba alguma para a modalidade". Mas a Portuguesa, na hipótese de trazer para cá Jesus Correia, empregá-lo-ia como técnico ou jogador? — "Seria bastante difícil para nós, a vinda desse elemento, e mesmo muito "luxo" ter na nossa equipe o nome de Jesus Correia, como jogador. Como técnico, optaríamos por um que já tivesse um pouco de "bagage" no "metiêr", e Jesus não é técnico e por isso nessa função é uma incognita". Fica assim esclarecido o boato que corre em Portugal, de que Jesus Correia deixaria sua pátria, conforme telegrama por nós recebido e publicado na página 6 desse número.

SR. RAUL LOPES, esclarece à nossa reportagem a respeito da vinda de Jesus Correia.



**BRASIL EM FESTA**

A NOVA PRODUÇÃO DE SANTOS MENDES

Um técnico luso-brasileiro desejoso de realizar o seu maior sonho: a produção contínua — O Brasil acolhe-o de braços abertos — (Texto de MÁRIO NOBRE)

**PAG. 2**



CIDALIA MEIRELES:

# "SOU FELIZ"

"A voz internacional do fado" — "slogan" que cruzou fronteiras — O amor desfez um trio — A compreensão do amado possibilitou-lhe o retorno à arte — "A falta de crianças que encham as minhas horas vazias (declara-nos Cidália) é a principal razão do meu regresso à vida artística. Um derivativo e não uma necessidade" — (Texto de Mariano DE CANENA — Fotos de Angelo Ognibene)



finalidade de objectos típicos regionais de Portugal.

E ali, naquele maravilhoso lar, a pessoa sente algo da nossa terra, a destacar a simpatia e beleza de Cidália, o despreziosismo encantador da artista, o seu sotaque portuguêsíssimo. Ambos matamos saudade: ela ouvindo o meu falar lieboeta e eu a deliciar-me com o seu. Foi uma conversa agradável, foi um desfilhar de recordações do seu início de carreira que acompanhei apaixonadamente.

Estive anos sem ouvi-la. A última, em 1953, quando me encontrava em Marselha, um espanhol meu amigo, fez-me uma surpresa durante o jantar a que me convidara. Colocou na radiola um disco que guardava religiosamente. «E' um disco de artistas portugueses» — me disse eufórico. E era realmente. Era o tango «Pampa Mia» em gravação do célebre trio. Nunca me emocionou tanto, a música. Esse disco relembra-me o trio e a melhor época da minha vida — a adolescência. Embora cantando em espanhol, as irmãs Meireles me deixaram saudoso de Portugal que não vai há tanto tempo.

Por esse momento de profunda saudade, eu te agradeço, Cidália, Rainha da hospitalidade!

Trio Meireles. E' um nome tão conhecido dos portugueses que é desnecessário qualquer apresentação. Qual de vós se não lembra das três irmãs? Foi justamente o primeiro trio a actuar na Emissora Nacional de Lisboa. Uma vez conquistadas as plateias alfacinhãs, o seu nome correu mundo exigindo outras plateias ansiosas de escutá-las. O entusiasmo juvenil de todas (lembro-me de vós de «souquettes») levou-as a outras paragens, ansiosas de conhecerem e Mundo.

são mais fortes que o seu desejo de afastamento.

Quando a Tuna Académica de Coimbra esteve no Brasil, Cidália fez a apresentação. Cantou. A acolhida do público foi tão vibrante, que ela não resistiu ao entusiasmo, ao fogo dos aplausos. Assinou contrato de dois anos com a TV Record. Regressou à arte, o que era para ela uma verdadeira necessidade. E' que, confidenciou-nos:

— «A falta de crianças que encham as minhas horas vazias é a principal razão do meu regresso à vida artística. Um derivativo, portanto, e não uma necessidade económica.

Adoro meu marido. A minha vida no lar é de completa felicidade. Graças a Deus, a compreensão do Waldírio possibilitou-me o regresso à arte, que só abandonarei quando crianças chilrentes ocuparem todas as minhas horas.

### «A VOZ INTERNACIONAL DO FADO»

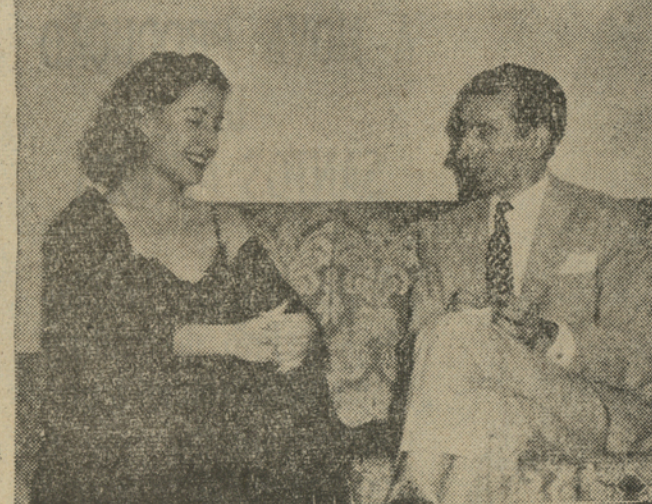
Foi o «slogan» que correu fronteiras. Maravilhando plateias de toda a América Latina, foi a canção nostálgica que mais lhe exigiram. Ainda agora, não obstante seu repertório folclórico, sempre lhe exigem um fado.

### NOVIDADES

Cidália contou-nos que nesta Primavera (portuguesa) irá a Portugal com o fim de matar saudades e ampliar o seu guarda-roupa regionalista, como complemento das suas canções folclóricas.

### OBRIGADO CIDALIA

O acolhimento que a todos



Cidália Meireles atende-nos cordalmente

### RETORNO A VIDA ARTISTICA

Passaram-se dois anos de casada. E Cidália, ocupada no arranjo do seu maravilhoso apartamento, no apêgo ao lar e na sua nova situação só periodicamente sente saudades da vida artística. Mas... a força da arte vence-a. As saudades

dispensa a simpática artista, é bem a prova dos dizeres da canção que tanto lhe exigem: «é uma casa portuguesa, com certeza». Embora a decoração do seu encantador apartamento não seja retintamente portuguesa, pois está cheia de recordações de viagens, ela tem orgulho em apresentar uma in-

Raul Motta à "Folha Portuguesa":

# "Pretendo Radicar-me no Brasil Pois Aqui Tenho Conseguido Exito em Todas as Minhas Atividades"

Vencedor de um concurso de amadores — "Volta ao Mundo", seu maior sucesso — Brasil, sua segunda pátria — Dono de uma garagem e contratado das Emissoras Associadas —

Encontra-se entre nós, contratado pelas Emissoras Associadas, o famoso cantor português, Raul Motta.



RAUL MOTTA

UM POUCO DE SUA VIDA  
A nossa primeira pergunta, Raul foi discurrindo sobre sua carreira artística.

Texto de Celso Faria  
Fotos de Angelo Ognibene

rioso, sendo logo contratado para tomar parte de um programa que se intitulava «A Hora do Garniz». Aos 18 anos fui para a Rádio Clube Português de Lisboa, passando em seguida para a Rádio Nacional. Particpei de inúmeras «tournée» visitando diferentes provincias o que contribuiu para aumentar minha popularidade.

Excursionei também pelo país vizinho: A Espanha. Ali obtive um contrato com a Rádio Nacional de Madrid, participando de um famoso programa, «Cavalgada do Ritmo», ouvido em todo o mundo por ter 24 emissoras em cadeia. Naquela cidade gravei inúmeros discos inclusive o que considero meu maior sucesso, e que tem o nome de «Volta ao Mundo».

### VIAGEM AO BRASIL

Ficamos curiosos sobre o motivo que levou o artista a cruzar o oceano, rumo ao nosso país. Raul nos explicou ter sido contratado pelas Emissoras Associadas por intermédio de seu empresário e particular amigo Luiz Campos. Esta não é a primeira vez que o artista nos visita. Por três vezes foi contratado por iguais emissoras e já teve oportunidade de conhecer quase que a totalidade dos estados brasileiros, onde levou sua voz agradável e marcante interpretação das canções lusas.

### ATIVIDADES CONTRAS TANTES

Raul Motta, além de dedicar-se ao canto, exerce agora uma nova atividade: é sócio de uma garagem em nossa cidade.

Perguntamos qual das profissões é a mais lucrativa, ao que Raul nos respondeu, para nossa surpresa: «Por enquanto é a arte...»

No entanto, os negócios vão indo bastante bem e Raul pretende progredir no novo ramo escolhido.

O cantor português está pensando seriamente em fixar residência no Brasil que é por ele considerado uma segunda pátria. Aqui encontrou inúmeros amigos e conseguiu sucesso em todas as realizações. Enfim, parece que a nossa terra deu sorte ao artista.

Indagamos se haveria algum interesse em atuar em nossas casas noturnas, mas Raul é contrário a esta ideia. — «Para um cantor é extremamente

### NOVA PRODUÇÃO DE SANTOS MENDES:

# BRASIL EM FESTA

Um técnico luso-brasileiro desejoso de realizar o seu maior sonho: a produção contínua — O Brasil acolhe-o de braços abertos — (Texto de MARIO NOBRE)

Encontra-se presentemente em São Paulo um dos mais prestigiosos realizadores e produtores do cinema português — profissional ilustre, saído dessa maravilhosa forja de cineastas talentosos que foi a «Tobis» e a «Lisboa-Filme». Trata-se de Santos Mendes, aquele rapaz (mas sempre com ar de «senhor», que sabe o que quer e para onde vai...) que nos habituamos a ver todos os dias tomando o seu cafézinho no «Palladium», acompanhado, indefectivelmente, por uma daquelas suas famosas anedotas, caracterizadas sempre pela intenção e malícia de conceitos.

QUEM É SANTOS MENDES? Natural de Lisboa, senhor de 38 risonhas primaveras, aos 16 anos ingressava no jornalismo — sim, qual o português que não apanhou sarampo, que não foi poeta e jornalista? — por intermédio do «Cine Jornal». Depois transitou para a «Imagem» e dali irradiou a sua verve e poder de observação para outras publicações de prestígio, tais como: «Os Ridículos», «Cinéflio», «Rádio Semanal» e «Visor», do qual foi Redactor-Chefe.

Independentemente da sua condição de jornalista, Santos Mendes acumulava também o cargo de Chefe de Publicidade da Lisboa-Filme, lugar que ocupou durante largos anos, — adquirindo aí profundo conhecimento da arte de Jean Renoir.

Simultaneamente estreou-se no teatro, como autor, na farsa «O sim do papá», e de parceria com outros colegas escreveu «Salsifré», revista que fez, durante basto tempo, as delicias dos frequentadores do Parque Mayer.

Mais tarde, então distribuidor de filmes e empresário do Teatro Ginásio, fez uma temporada brilhante, naquela sala de espetáculos, com a companhia Amélia Rey Colaço — Róbles Monteiro, sem dúvida o melhor elenco dos palcos lusitanos.

NO BRASIL  
E após uma série de documentários, tais como «Feira Popular» e «Madeira, Jóia do Império», Santos Mendes resolve tentar maiores voos e realiza «A Noiva do Brasil», e, após algum tempo, «Comissário de Polícia», a película portuguesa que até hoje reuniu maior numero de cartazes... Agora, no Brasil, Santos Mendes vai realizar «Pensão de Moças», — cuja rodagem deve iniciar brevemente — seguindo-se «Brasil em Festa» (cujos exteriores já foram completamente filmados), produção e argumento do

Dr. Artur Rebelo, que financiou a recente película brasileira «Carrocinha», com Mazzaropi na figura principal. Como Director de fotografia destas produções está João Macedo, técnico português que se especializou em Paris e que actualmente ocupa o lugar de iluminador-chefe da Televisão Paulista.

Em conversa com Santos

Mendes, o conhecido «cinemans» afirmou-nos ser seu propósito iniciar, após a feitura de «Brasil em Festa» e «Pensão de Moças», uma série de películas de carater luso-brasileiro, a fim de dar confirmação a um seu velho sonho a produção continua!

Oxalá Santos Mendes veja coroado de êxito tão simpática e util iniciativa!

## O MUNDO DE HOJE

«O cinema e o crime — Civilização enferma»

Exibem-se ultimamente, em quase todos os cinemas, películas excessivamente animadas, relatando aventuras extraordinárias dos «gangsters» cuja técnica e combinação alcançam um êxito surpreendente. Por isso, não admira arancarmos fartos aplausos do público, já de si emocionado, por uma predisposição doentia, a par das corrupções vulgares. Ignoro o que pensam os críticos a tal respeito, nem tão pouco procuro saber das suas impressões se algumas vezes as transmitiram aos periódicos. Todavia, imagino a impressão causada na mente de alguns espectadores e as suas ulteriores consequências, ocasionadas, pular, reprimindo aqui ou ali, a palavra, largamente desenvolvida no écran, fonte de pressões desconexas e estimulantes na ordem psíquica.

E' certo que tudo isto pretende desenvolver o conceito da vida hodierna, sujeitando, quase sempre, a assistência à observância da estupididade e pulular, reprimindo aqui ou ali, a palavra, largamente desenvolvida no écran, fonte de pressões desconexas e estimulantes na ordem psíquica.

Apesar da compreensão dos dirigentes e do firme propósito de malograr o crime, por vezes ainda se exibem filmes policiais, de reprimenda e até de obstrução, num nível artístico incomparável e optimamente acolhedor dos incautos. Forçosamente, há que ter em conta tais películas, pois que os seus comentários nem sempre desejáveis, frisam esta ou aquela cena, em que o actor poderia sair-se melhor dos seus infortúnios, se usasse esta ou aquela artimanha, raríssimas vezes experimentada.

mediante um inteligente e metódico desprendimento dos recursos da justiça, a favor dos bons».

E, mais adiante, continua — «nunca, nessas películas, fica impune a justiça» e, por vezes, activam a impressão de que «os valores positivos da sociedade, podem ser destruídos pelos negativos e o bom herói pode ser destruído pelo mau».

Ora, neste exibicionismo não se estará a cometer um erro, pondo à disposição as artimanhas, habilidades, etc., de que a policia se utiliza para reprimir o crime? Há um ditado muito em voga, que traduz tudo em poucas palavras: a «ocasião faz o ladrão». Consequentemente, toda a ilustração cinematográfica não será mais que uma propaganda neste género, ainda que involuntária, de um programa que nunca tinha sido concebido por mentalidades franzinas, inclinandas, ligeiramente, ao crime, especiais de todas as convenções sociais pretenderem, de por si, elevar o ambiente e extorquir-lhe a furiosa loucura do prazer.

Há ainda outras razões que nos fazem suspeitar do cinema, especialmente no que diz respeito à sexualidade e ao alcoolismo, pervertendo cerebros pouco habituados ao trágico e que não suspetando do veneno que lhes entra pelos olhos, transformam totalmente a natureza, já de si efémera, numa miscelânea incorrigível; é evidente um grande afã, no que diz respeito ao relato de roubos, assassinatos, etc.

## TALENTO APENAS NÃO RESOLVE...

Até o Inglês Saiu Daquele Seu Recato Cantado em Prosa e Verso, Pelos Que Defendiam o Cinema Puro — O Homem já Não se Satisfaz Sòmente Com a Beleza do Espírito... — Pernas e Bustos Como Propaganda

Desde o dia em que o cavanhauque deixou de ser respeitad e o fio de barba não serviu mais como letra de compromisso, o publico do cinema e os proprios directores de companhias cinematográficas não mais compraram o «material enrolado».

Ver para crer — rependo o velho São Thomé — passou a ser o lema para os que sustentam e os que vivem da 7.ª Arte. A intelligencia, apenas, não é mais documento para fazer uma grande atriz. Hoje se faz necessario alguma coisa a mais, além da vocação artistica, do talento e da facilidade de representação. Tudo isso precisa vir acompanhado (e em certos centros que se fizeram ditadores do cinema exige-se apenas a ultima) de um palminho de rosto agradável e alguns equilómetros de linhas estonteades que marcam a mulher desde o colo até o tornozelo.

Uma mulher bonita na tela — mesmo que seja «dura» e fria em seus gestos — pode valer por um recorde de bilheteria. Um par de pernas arrastadas multitédies. O colo servindo de estaleto a grandes «marquises» lobobrigianas pode marcar época na cinematografia, uma vez que o materialismo ganha terreno no mundo e o homem já não se satisfaz apenas com a beleza do espirito. Quer algo mais, que deleite a vista, que mostre o outro lado do mundo que ele está acostumado a ver, a sentir, a respirar...

PERNAS E BUSTOS COMO PROPAGANDA  
Por isso, até o inglês saiu daquele seu recato cantado em prosa e em verso pelos que defendiam o cinema puro. A fleuma britânica deu lugar à vulgaridade para concorrer com competidores fortes e habéis na propaganda de seus produtos.

As inglesinhas loiras como os trigais em flor despiram o busto milenarmente coberto e mosttraram-no ao mundo abismado. As linhas estonteadas foram postas a nu para que a industria não percesse.

POUCA ROUPA  
E, assim, quanto mais cresceu a curiosidade dos amantes do cinema, as peças do vestuário feminino foram diminuindo. Os malôs de varios tipos foram lançados. Uma peça, duas peças, uma peça apenas, mais provocante, duas peças, mas que caberiam numa caixa de fosforo...

do publico. Não basta a bonvontade da estrela para fazer conhecida. O mundo pede mais, muito mais. E nada melhor para divulgar as nossas «igualdades» do que expor aquilo que a natureza nos deu. Daí a nossa constante participação em desfiles. Satisfazemos os ifs e os directores. A publicidade é, ainda, a alma do negocio...  
E, realmente, o recato já não mais faz parte do manual de atriz. Flocu restringido a um pequeno numero de estrias que não se conforma com a inovação publicitaria e que teima em vencer apenas com o talento o caminho mais difficil.

MAIOS EM PROFUSAO  
Os malôs, «ohirts» e demais artificios foram lançados à praça em profusão, disputando atrizes a preferéncia dos grandes modistas a fim de que o mundo tomasse ciência de seus incontestáveis predicados. Hoje, já não se pode dizer se fulana é bonita ou se é boa... estrela no caso de não aparecer vestida a rigor... publicitaria. E os homens que sustentam o cinema e aqueles que vivem dele foram tão longe em suas exigéncias, que, conforme dissemos, até a velha Inglaterra alisuda e recastada pôs as manquinhas de fora apresentando suas milhêres à praça com todos os seus predicados, para não sucumbir ante a França, a Italia e os Estados Unidos.  
E, não resta dúvida, foi uma grande modista, porque a beleza não é demais em canto algum.



JILL ADAMS



# Conto Feminino

## O Velho Malaquias...

por Carmen de Figueiredo

O velho Malaquias... Mas quem é o velho Malaquias?! Ora, senhores, um coitadinho qualquer... Pois quem havia de ser!... Pelintrão, franzino de corpo e sempre com uma capa de farinha pelos ombros recurvados... Exacto... Sim, que o velho Malaquias já nasceu moleiro e moleiro ficará a vida inteira. Sinas... Seus pais, logo passante o dia do casamento, com pratos de arroz doce entregue às portas das gentes burguesas da vila, na mira gulosa de um presente vistoso e punhado de confeitos lançados ao arrotio que, aos magotes, lhes fora no encaicho, des a porta da igreja té ao terreiro que se espanejava frente ao casebre onde a funçanata da comessina ia ter lugar, foram para o moinho do Carrô — o moinho que inda hoje, ele, o velho Malaquias tem arrendado á Micas Falcôa. Ali botara olhos ao que o cercava e corpo para as lides ásperas da vida miserável. Mas suas pernitãs enfezadas se endireitaram, e, logo a mãe por um lado, o pai por outro o sacudiam de rijo, obrigando-o a corropios de badanal. «Corre á venda do Ti Falta d'Ar, que te avie num rufo um celamim de sal! Anda dianho» — pedia a mãe, desganhada, de mangas arregaçadas e punhos acarbados na massa da gamela, prestes a levedar mas ainda sem sal...

«Malaquias?» — gritava o pai, sempre colérico e rubicundo — «Não ouves? Vai-me por uma onça de tabaco! Safardana dum raio, sume-te!». E ainda dava três passos atrás do moinho aterrado, como quem acula a animal para uma corrida forçada.

Tempos andados, começou a ir entregar os taleigos; alombava com eles, pelos córregos, britando a neve que se acastelava nas valetas das enxurradas, quase feliz por poder entregar-se sózinho áquele entretenimento ingénuo que a santa Natureza lhe oferecia.

E só tarde, ele, Malaquias, se apercebeu, sentindo-a na própria carne palpitante, da toada melancólica, da melódia eterna cantada pelas pedras do moinho, sempre rodando, sempre reduzindo a pó alvo os loiros grãos de milho e trigo. Só tarde, sim... Ia ele nos vinte e três anos... Retornara da tropa e — horas de fatalidade! — topara com a Cassilda que vinha da serra com um rebanho de ovelhas. Parara a mirar a mulher a desnalgar-se, a requebrar-se, atrás do rebanho manso, plácido, apascentado e feliz, tão feliz como aqueles que muito têm para comer e beber, sem apoucações mesquinhas... Como era linda a Cassilda... Alta, despenhada, de rosto corado, peito farto e um par de pernas que era um louvar a Deus. Amou a Cassilda... E só então ele ouviu e compreendeu a ladinha poética e doce do moinho, a sintonia branda das pedras que se friccionavam noite e dia, na amorosa descoberta do que é puro e imortal! Olhos abertos no escuro Malaquias escutava a zoadá das águas espadando, o girar continuado do engenho, e pensava na Cassilda, flor selvagem e apetitosa, acirranté como fogueira que apetece saltar.

O pai andava doente, mirradote, e a mãe, essa, continuava a cozer fornadas de broa para vender á quarta-feira, dia de mercado na vila, mas também muito achacada, queixumenta e rezingona. Os dois, ao saberem do seu enleio, apesar de acanaveados, romperam em impróprios. Que estavam com os pés para a cova, já mal se aguentavam, e, agora que contavam com ele, recebiam uma notícia daquelas... «Vai casar, o peralta! E com quem? Com a do Charula, a mais pobre da aldeia...» Lamuriante a mãe completava os pensamentos do seu homem: «Mas pobre e sempre á costa direita... Anda com gado... Mas se for preciso abanhar um avental ou espoar uma fornada... Não será para a delambida...»

Malaquias recalcitrava, explodindo: «E vocemecês não se casaram? Olharam porventura á pobreza dum e do outro? Que eu saiba, nunca foram ricos...»

Nem assim os velhotes embatucavam. Aquilo era verdade: eles tinham-se casado, não ti-

nham olhado a que, nem um, nem outro eram mesmo uns pin-déricos, sem bragal nem economias, o filho era bem esperto, de palavra acertada, mas... Agora, estavam na sua vez de se queixarem como pais... A ser-rázina continuava, tão monótona como a cantilena das pedras alveiras amaciando farinhãs para pão leve e fofo. O rapaz, valha a verdade, amava aqueles dois seres encarquilhados como árvores destroçadas por ingratas tempestades; e porque os amava, sem bem querer, consentia em ouvi-los. Os anos foram rodando, sempre, sempre, como as rodas do moinho, como as pedras redondas que ele mesmo picava de vez em quando. A Cassilda, esperu e desesperou; como Malaquias não se adiantasse com falas lambidas de emoção e promessas, aceitou namoro de um britador de estradas casou-se safou-se dali, retornando lá de ano a ano, a visitar seu pai, o Charula, e, em cada ano trazendo mais um cachopinho agarrado ao farto seio tumido. E o Malaquias foi por seu turno envelhecendo... A mãe curvou-se um dia mais para a gamela meia de massa fluída, curvou-se tanto que a sua cabeça se afundou na massa branca e quente do amassar de seus punhos... E o pai, esse, certa manhã, da cama, pediu-lhe gemendo: «Traz-me uma malga de café, que estou mesmo com os gorgomilos secos e gelados...». Quando chegou junto da cama feita de bancos, o pai estava com a boca muito aberta, o queixo caído, os olhos parados, fitos no traço alvado de duas telhas desunidas... Fitava o céu...

Malaquias ficou absolutamente só no moinho que pertenceira ao pai da Micas Falcôa. Passou a pagar a renda, a cuidar dele de tudo. Não se deu conta de quando a sua cabeça ficou branca como a da mãe, cheia, de massa a massa com que ela estava para tender mais uma fornada de broa. Velho.

Um velho filósofo este Malaquias, que, ali, no moinho do Carrô, vai enchendo sacas de farinha, tão alva como o sonho de amor e beleza que tivera no despontar da sua masculinidade, e pensando que, a vida é uma boa coisa, digam lá o que disserem... Não amealhou virtém, seu corpo em cada dia se engelha mais, mas ele dá graças a Deus por ir vivendo e, ao ver o rancho dos moços da Cassilda que tomaram conta da possilga do Charula, abana a pequena cabeça, sorri e monologava: «Ai está... Bem podiam ser meus todos estes calmeiros... Olá se podiam...»

Esfrega as mãos encieiradas, dá um estalido com a língua, ergue as sobrancelhas grisalhas e balança o corpo miúdo para um salto imaginário. Então, pelas pequeninas pupilas de cor indecisa, perpassa uma chama vermelha. Fulgurar de desejo tardio...

E o velho Malaquias, como se achasse necessário dar resposta aos seus próprios pensamentos, atria alto na liberdade da extática Natureza: «Podiam ser, mas não são, com a graça de Deus! E' assim bem melhor...»

Todos conhecem o velho Malaquias, em mais de cinco léguas em redor, e todos respeitavam aquela sua balda: falar para as árvores, para as pedras, para as estrelas...

Coitado, se ele se acostumou a ser sózinho...

# A MULHER A MODA E O LAR

VESTIDO para passeios à tarde, de saia guarda-chuva, em jersei de lã cor de pessego. Poderá, também, ser confeccionado em linho ou algodão, forrando-se, neste caso, a saia, a fim de se obter a «caída» que o modelo apresenta. Criação de Gack, Zurique.



Um modelo de Christian Dior, Paris, em «nylon».

Criação de Teddy Tinling, Londres, em algodão.



## A POESIA

## E

# AURORA JARDIM

## NOITE QUENTE

A Mulher tem sido através dos séculos e das literaturas a grande inspiradora da Poesia. Desde as mais remotas canções que os poetas de todas as latitudes cantam as mulheres e o amor. Assim, também entre nós, muito embora, como é óbvio também em outras paragens literárias a poesia moderna se tenha afastado do cunho essencialmente amoroso que caracterizou o Romantismo.

Mulheres Poetas — para não lhes chamar «poetisas» — essas, são por sua vez em número limitado. Na nossa literatura, grande entre as maiores, quase podemos tão somente citar Florbela Espanca, essa mulher-poeta que nos deixou alguns dos mais belos poemas de amor que jamais foram escritos na Língua Portuguesa.

Como leitora de poesia, a mulher comove-se e vibra até às lágrimas, o que raramente acontece com os leitores masculinos, já escreveu alguém. Quer dizer, como inspiradora, autora ou leitora, a mulher é sempre um elemento permanente, vivo, humano de Poesia.

Hoje publicamos versos de uma mulher: Aurora Jardim. É uma figura literária do Porto. Poeta da «Ressaca», prosadora de «Cristal Embacado», jornalista de grande e fecunda actividade, Aurora Jardim publicará muito brevemente um novo livro de poemas: «No Mar do Mundo», de cujas páginas inéditas retiramos este poema.

Ela entornou-se toda nos braços dele. Por entre a folhagem sequiosa, plena de rumorejo, ardente como um beijo, luziam os pirilampus. Na margem do riacho, cintilante de reflexos, uma sardânica não dormia. A estrela procurava frescura na lagoa macia onde a rá coaxava. O intemporal estava suspenso na boca da hora. Ia desmaiando mas languidamente a rosa que fôra premente e era, agora, pétala moribunda de luar. Debussy tocava dentro de casa. E o perfume da terra inquietada, dolorosa, chamava-se quietude e solidão. Ela entornou-se toda nos braços dele, essa ninfa de pedra que Neptuno suspendia sobre a taça de água que não estava fria.

## «ELAS» SÃO FORMIDAVEIS

No tribunal de Rosenheim, na Alemanha, estudando o pedido de divórcio feito pela mulher que acusa o marido de submete-la a maus tratos, como safanões e murros, o juiz declarou que o divórcio não seria aceito, pois a mulher deve praticar a cultura física (e box se possível) para poder defender-se dos ataques do companheiro...

A sra. Prescinak, esposa do famoso professor de zoologia, Imre Prescinak, abandonou o lar argumentado com o fato de o marido ter transformado a casa num verdadeiro jardim zoológico. Ela suportava tudo, até quando apareceu um pequeno crocodilo. Perdeu, então, a paciência e declarou que só voltaria quando o crocodilo fosse retirado dali. O professor porém manteve-se firme. Primeiro, os estudos científicos. Depois a paz no lar...

Maria Noel, habitante de Capetown, na União Sul-Africana, assinou seu testamento com uma cruz, por não saber escrever. O tribunal não reconheceu o valor do testamento porque a «cruz» não foi reconhecida pelo tabelião. Assim, os herdeiros de Maria perderão as 10 mil libras que ela lhes deixou...

A sra. Fisher, passageira de um ônibus Braunschweig, na Alemanha, deu o alarme, quando presenciou que um batedor de carteira procurava surrupiar-lhe a bolsa. Vendendo-se descoberto, o meliante saltou do veículo em movimento, pondo-se a correr. Desesperado, procurou refugiar-se na primeira porta que viu aberta. Por incrível coincidência, era a porta da Delegacia de Polícia do Distrito...

Janny Honet recebeu como presente de seu marido um bonito automóvel, de sólida fabricação e reforçado especialmente. No primeiro dia, quando quiz entregar o carro na garagem, provocou um desastre, destruindo as instalações do predio. O veículo, porém, nada sofreu. Aborrecida com o fato, Jenny declarou ao juiz que o culpado era seu esposo, que lhe tinha dado um carro demasiado forte. Consequentemente, o marido de Jenny pagou 50 dólares de indenização ao dono da garagem. E, depois, pediu divórcio.

Lieta Freckal, telefonista da central, em Calais, na França, canta semanalmente na estação de rádio local. Os ingleses que captam as ondas sonoras da estação, gostam de ouvi-la, sendo Lieta conhecida entre eles como

«Miss Telephone». Convidaram-na recentemente a aparecer na estação de Londres, com a garantia de um contrato por um ano. Lieta cantará também uma só vez por semana. Conforme declarou, não pode deixar a central telefonica por mais tempo.

Na Cidade do México, dois ladrões derrubaram a porta de um apartamento, roubaram jóias e dinheiro e depois prenderam á parede, firmando-a com parafusos, a dona da casa, sra. Ojaranzo. Quando o marido voltou para casa, foi obrigado a pedir auxílio aos vizinhos para libertar a esposa...

Christine Jorgensen, que há três anos passou de chamava George Jorgensen, o homem que mudou de sexo, apareceu em St. Louis, nos Estados Unidos, num teatro, trabalhando na peça «A son for Dorothy», em que interpreta o papel de uma mulher que se encontra na cama á espera de dar á luz um nenê...

Entre os soberanos asiáticos, o recorde, do ponto de vista da quantidade de esposas, pertence ao Nizam de Haiderabad, que possui em seu harem quatro esposas oficiais e quarenta e três favoritas...



Aurora Jardim

LEIA, «FOLHA PORTUGUESA»

## A Mulher do Alto Douro

(Dezembro de 1955) REGUA — (Dezembro de 1955) — O que mais impressiona nestas terras alterosas, bruscas, ásperas do Douro é a mulher que com a terra vive identificada, sobretudo nos dias de amargura. Quem um dia percorreu esta região no tempo da crise — desde os estragos causados pelo fioxera aos das campanhas quase revolucionárias provocadas pelas campanhas do vinho — não pode ignorar o valor da mulher duriense no lar e na fazenda. Algum observou judiciosamente que, «na abnegação dos prazeres do mundo, a mulher do Douro é a humilde criatura que ajuda, sempre amiga, o homem na ingrata e fatigante tarefa agrícola e aconchega e acaricia os filhos queridos com o mais intenso dos amores de mãe. E vê-la nos campos, a «esmaelizar» a vinha, desenlaçando-a dos paus onde, no Outono, sangram as parras estioladas; a fazer os «capões» das vides podadas e os leva, ás costas, á cabeça ou abaixo dos braços, até á casa da lenha para a braseira de Inverno; a sulfatar e a acarretar a pedra para as paredes das plantações. Outras vezes — conforme a quadra do ano — levam á cabeça, em cestos, os estrumes que hão-de fertilizar as velhas terras cansadas e empobrecidas, e, no tempo da vindima, ao sol escaldante, arrancam carinhosamente os cachos e, por entre cantigas, acompanham a «festa» do lagar. E, mal chega o Sol pôr, lá vão a caminho das suas casas, algumas bem distantes, onde as espera o caldo.

Mudou muito o traje da mulher duriense, sobretudo quando das novas. As velhas ainda usam o casaco largo, a saia redonda, o xale de lã, quase sempre de ponta, o lenço de algodão na cabeça e nos pés meias de lã, que elas fazem ao serão, á luz da candeia dependurada da barra, e, no Inverno, tamancas, e, no Verão, chinelas abertas. Porém, as novas, as que estão na idade de namorar, essas, acompanham a moda. E vá de mostrar a blusa com folhos e rendas, saia negrada, sapatinhos de verniz ou de pelica.

Assistimos, há dias, á apanha



Mulheres do Douro

da azeitona — outra tarefa agrícola que, no Douro, começa com as primeiras geadas precursoras do Inverno. As mulheres curvadas sobre a terra em busca do fruto negro. Os homens varejando as oliveiras prateadas. E, mal anoitece, cada qual com rumo a casa. Se há que comer, a ceia é farta. Em tempo de crise, porém, muitas vezes mata-se a fome, dormindo...

E que casas! Na sua maioria só têm uma porta. Paredes suando humidade. No chão, enxergas com lençóis e mantas remendados. A um canto, uns potes de ferro. Braseira acesa, graças aos últimos «capões» cortados das vides secas. Mas mesmo assim, neste quadro triste, a mulher do Douro não perde a alegria de viver — porque vive exclusivamente para os filhos, para o marido e para a terra. Profundamente religiosa, crendeira, reza á noite o terço, vai á missa, cumpre os preceitos da Igreja e não deixa de assistir é mortalhas — o enterro do parente ou amigo, — acto este que lhe impõe a obrigação de emoldurar a cabeça no lenço e de cobrir os ombros com o xale de lã, em pontas.

Feia ou bonita — há quem a considere a mais bonita de Portugal — a mulher do Douro, sobretudo a do Alto Douro, é um salutar exemplo da mulher portuguesa, estoica, sincera, leal, trabalhadeira, virtuosa e... quando velha agarrada ao dinheiro e um pouco de biblioteca.







# DESPORTOS EM PORTUGAL

"FOLHA PORTUGUESA" ao lado do campeão:

## VAMOS DAR AO FUTEBOL CLUBE DO PORTO AS «FAIXAS DE CAMPEÃO»

Amigo Patrício, Boa Tarde... Você que é «tripeiro», você que é do Norte, você que é torcedor do F. C. do Porto, você que admira os grandes feitos do desporto português, vai estar conosco. Vai-nos acompanhar no alicerçamento. É uma campanha que será o tributo da simpatia e do aplauso dos portugueses do Brasil ao mérito feito que dentro de cerca de um mês trará para os anais do futebol lusitano uma carreira fabulosa de um onze futebolístico: o título de Campeão de Futebol, a ser levantado pelo F. C. do Porto.

A três jornadas do fim do campeonato, os rapazes da jaqueta azul-branca ainda não conheceram o amargo sabor da derrota. Até hoje foram 23 jogos invictos, obtidos nos campos de Lisboa, de Évora, da Covilhã, do Barreiro, de Setúbal, de Braga, de Torres Vedras, de Coimbra, das Caldas da Rainha. Foi uma maratona estafante de gloriosos feitos.

Esses rapazes merecem o aplauso, o carinho, a presença sincera de todos nós. São jogadores que estão contribuindo, em alta escala, para uma melhor revigoração do futebol da nossa terra. Merecem o nosso apoio, são credores do nosso aceno sincero e amigo de confraternização.

Alguns que agora nos têm, devem lembrar saudosos e entusiastas, do que era aquele topo Norte do velho Campo da Constituição: um cadinho fervente de fé clubista, um mi-

radouro soberbo de imagens rutilantes da nossa terra. Esse velho Campo, onde tantas vezes sorrímos na vitória e nos desesperamos na derrota, hoje é mais uma página de saudade, uma página merecedora de a intercalarmos junto àquela que nos celebramos na nossa infância, a nossa mocidade na velha, real e sempre invicta cidade do Porto. O velho Campo da Constituição... quantos nomes não traz consigo... Siska, Soares dos Reis, Carlos Pereira, Pinga, Guilhar, Araújo, Carlos Nunes, Vianinha, Lopes Carneiro, Vergílio, Monteiro da Costa, Joaquim, Alfredo, Vieira, Barrigana, Carvalho, José Maria, Correia Dias, um rosário de nomes de ontem e de hoje.

Não foi esse velho Campo, onde algumas vezes pisel como andebolista, que teve a glória de ser palco do feito maior de um Campeão Português de Futebol. Era demasiado íntimo, imensamente pequeno para poder conter em seus muros todo o reflexo de uma campanha dificilmente a ser igualada. Houve necessidade de um cenário mais amplo, havia presença da magestade de um Estádio que do Porto há tantos anos merecia e que há bem pouco surgiu: — O Estádio das Antas.

É ser nessa moldura moderna do Porto antigo, que os campeões de Portugal irão receber as faixas que seus irmãos do Brasil lhe enviarão. Em cada faixa haverá um pouquinho de nós... em ca-

da faixa haverá uma saudação, um abraço amigo, um aplauso sincero.

Vamos dar as faixas de Campeão aos rapazes que estão chamando a si as atenções dos desportistas do mundo futebolístico.

Será uma campanha onde todos nós estaremos presentes. Você não pode faltar, amigo leitor, portista ferrenho ou português saudosos. No Estádio das Antas haverá uma tarde em que todos os corações estarão no Brasil, uma tarde em que todos nós estaremos nas Antas, depois de calcularmos saudosos a Rua Santa Catarina, a Praça Marquês de Pombal, a velha Rua da Constituição, tária deve ser enviada para «Campanha das Faixas» — Folha Portuguesa — Rua dos Andradas, 241 — São Paulo — Brasil.

No próximo número já daremos relação dos primeiros nomes a corporizarem a lista fabulosa que será feita no final desta campanha. Seja você o primeiro, patriota amigo, e acompanhe esta iniciativa, através das páginas da Folha Portuguesa, onde irão aparecendo os esboços daquilo que se tornará dentro de dias, o assunto predileto dos portugueses do Brasil e dos desportistas de Portugal.

Contamos com você, «tripeiro» amigo... contamos com você portista ferrenho... Contamos com você, amigo patriótico.

Jorge Moreira Fernandes

Orgulhosamente a "Folha Portuguesa" abre a lista com Cr\$ 500,00

### ATLETICO 3 X SETUBAL 1

Jogando no seu campo, o Atlético venceu o Vitória de Setubal por 3x1.

O Atlético alinhou: Correia; Abreu e Barreiro; Orlando, Armando Carneiro e Castiglia; Messiano, Abel, Quaresma, Leca e Rosário. O Setubal alinhou: Felix; Jacinto e Orlando; Artur Vaz, Graça e Soares; Corona, Caxaca, Fernandes, Miguel e Rosa.

O Atlético empenhou-se a fundo neste desafio, visto a sua classificação estar em plano perigoso. Todavia, os visitantes não se deixaram inferiorizar e só no último tempo

consentiram que os adversários marcassem os seus goals. Castiglia com dois e Quaresma marcou os tentos do Atlético; o do Setubal foi devido Corona.

### SEGUNDA DIVISÃO

Resultados dos desafios do campeonato de futebol da 2.ª Divisão: Guimarães 2 x Oriental 2; Olhanense, 5 x Coruchense, 0; Boavista, 3 x Salgueiros, 0.

### LUSITANO 1 X ACADEMICA 1

O Lusitano de Évora empatou de 1-1 com a Académica. O jogo foi prejudicado pela chuva tornando penoso o esforço dos jogadores. A Académica alinhou: Ramin, Melo e Nuno; Torres, Wilson e Malícia; Duarte, Pêrides, Abreu, Faia e Mota. O Lusitano alinhou: Vital, Polido e Longo; José da Costa, Falé e Vicente; Flora, Marciano, Caraca, Vieira e José Pedro.

José Pedro marcou o tento do Lusitano e Mota o da Académica.

A um convite da Portuguesa de Desportos:

## "Estou Pronto a Seguir Para o Brasil se a Minha Proposta Fôr Aceita — Declara a ANI Jesus Corrêia

"Não posso deixar Portugal sem as devidas garantias" — "Com um período de preparação é possível fazer grandes coisas da equipe de hoquei da Portuguesa"

Jesus Correia, como afirmou a ANI, desfrutará em Portugal uma posição que não trocará facilmente por outra mais problemática. Além da situação moral — em Portugal é popularíssimo e admirado como desportista — tem bom emprego num organismo corporativo e está bem colocado como jogador de futebol da CUF e ainda sente-se prendido ao desportivo Paço D'Arcos onde fez toda a sua carreira hoqueística.

### BARREIRENSE 1 X BELENENSES 0

Contra todas as expectativas, o Belenense perdeu por 1-0 o seu encontro com o Barreirense, no campo deste. O Barreirense alinhou: Isidoro - Fanecca e Silvino; Diamantino - Pinto e Ricardo; José Augusto - Onório - Correia - Vasques e Fabian. O Belenense alinhou: José Pereira - Pires e Carlos Silva; Pellejero - Figueiredo e Vicente; Di Pace - Dimas - Andrade - Matasteu e Tito.

A luta manteve-se equilibrada entre os dois grupos que tentaram desesperadamente abrir a contagem. O Belenense perdeu várias oportunidades de marcar e até o final lances agressivos. O goal do Barreirense foi marcado por José Augusto.

Tais fatos conduzem naturalmente só a aceitar proposta que lhe fizeram no Brasil com boas garantias, as quais envolvem possivelmente adequada compensação material — daí sua afirmação de não saber se a Portuguesa de São Paulo satisfará as condições que vai apresentar dentro de dias.

«Acha que seria possível fazer da equipe de hoquei da Portuguesa de São Paulo uma boa equipe?».

Em resposta à pergunta o conhecido jogador afirmou: «Parece-me que sim. Estou

### Braga 1 x Torriense 0

Em partida com lances de perigo para ambas as equipes e bons momentos de emoção, o Braga derrotou o Torriense por 1x0. O Braga alinhou: Cesário; Antunes e José Maria II; Passos, Calheiros e Pinto Vieira; Costa, Velez, Rafael, Garófalo e Silva.

O Torriense alinhou: Gama; Augusto e Fernandes; Belém; António Manuel e Gonçalves; Carlos Alberto, José da Costa, Mendonça, Forneri e Fernando Mendonça.

O único goal do desafio foi marcado por Silvino, que fez com que o Torriense assumisse uma toada de ataque movimentado, mas sem resultados.

### COVILHÃ 1 X SPORTING 1

Resultado do jogo disputado entre o Sporting e o Covilhã, mostrando um valor idêntico as equipes que se defrontaram. O Sporting alinhou: Capoco, Lourenço e Pacheco; Walter, Passos e Juca; Rocha, Vasques, Miltinho, Travaços e Martins.

O Covilhã alinhou: Rita, Hel-

der e Couceiro; Martin, Cavem e Cabrita; Pires, Jango, Suarez, Carlos Ferreira e Vinagre.

A toada de jogo foi rápida, perdendo contudo ambas as equipes muitas oportunidades de marcar. Vinagre e Travaços marcaram respectivamente os goals do Covilhã e do Sporting.

## COLUNA PESADA

### «E VIVA OS GAUCHOS» ZÉ TONELADA

Era uma vez uma equipe de «çadores de bols» que trocou sua Bombacha por calções, envergou uma camisa «olímpica» com um bonito escudo com as iniciais CBD sobre o coração, meteu tamborins, pandeiros, pistões etc. em baixo do braço e rumou para a terra da morena Maria Felix. Os jornais d'o Brasil gritavam. Os meios esportivos do Brasil tremiam como varas verdes. Um medo que a seleção fizesse feio em «campos aztecas» que dava dó! «A SELEÇÃO BRASILEIRA DE SAO PAULO não conseguiu um bom resultado, como é que podem os «meninos» gauchos realizarem algo que prestes. «Assim o futebol do Brasil não val mesmo». «Onde já se viu entregar uma responsabilidade dessas ao calouros do Rio Grande do Sul». Essas, amigos, as mais comuns frases que se ouvia por todos os cantos. Como se já não bastasse os desacreditos da gente brasileira, ainda houve aquelas muito comentadas declarações do técnico chileno Tirado, que dizia ser «sopa» para eles aquela Seleção mamembes». Pois bem; apesar de tudo, os conterrâneos de Erico Verissimo fizeram bonito. Fizeram bonito não. Brilharam. Lecionaram categoria. Mostraram como é que se ama a Pátria. Como é que se ganha títulos na «raça». Eles que foram desacreditados por seus próprios patrióticos, que foram humilhados pelo cabotismo de um técnico que pensava já fosse «o maior», só porque abateu o Brasil (São Paulo) por 4 tentos a um, voltaram campeões. Trouxeram para o Brasil o Campeonato Internacional. Que não venham agora os «patriotas» de vitórias com seus «manjádissimos» discursos, exaltando a grandeza do «futebol pátrio», que fica feio. Que sirva de exemplo para os «cobras» também a vitória gaucha.

Ah... como gostei desse triunfo dos «boiadeiros». Gostei em primeiro lugar porque ele representa um Bicampeonato Panamericano, conquistado fora do país, depois gostei porque quero ver os «gostosos» meterem o rabo entre as pernas e sairerem como um cachorrinho que acaba de apanhar de um gato. Como é gostoso ver «bacanas» com dor de cotovelo!

Bem, tudo terminou maravilhosamente e não convém estar «gozando» muito, porque é capaz da coisa ficar preta logo mais na Europa. O que não me admiraria muito, pois para lá vão os famosíssimos, os internacionalíssimos craques, e como são «maiores» os «pais» da bola, não poderão correr muito, molhar a camisa. Para que?

Tomara que seja ao contrario. Queira Deus que os homens escolhidos por Flavio Costa, mirem-se alguns segundinhos em jogadores como Oreco, Bodinho, Luizinho e resolvam seguir-lhes os passos, jogando pelo Brasil, colhendo vitórias modestas, sem «estrondos» mas que sejam vitórias, que façam alguma coisa pelo futebol brasileiro que andou tão «por baixo» nesses tempos. Está bem! Vamos esperar! E por ora vamos nos limitar a dar um viva ao esquadrão Gaucha. Um viva à Seleção Brasileira! Viva!...

### Benfica 3 x Cuf 2

O Benfica, no seu campo, teve dificuldades para vencer por 3x2 o Cuf. O Benfica alinhou: Costa Pereira; Jacinto e Angelo; Calado, Artur e Alfredo; Zezinho, Coluna, Aguas, Pegado e Palmeiro. O Cuf alinhou: Libanio; Pedro Gomes e João Vale; Orlando, Palma e Carlos Alberto; Gastão, André II, Aureliano, Luiz e André I.

No primeiro tempo os culistas tiveram a desvantagem por estarem contra o vento, mas mesmo assim conseguiram opor-se ao ataque do Benfica. Embora dominando a partida, o Benfica teve de tomar cuidado com o insistente ataque dos adversários. Aguas com dois tentos e Calado, marcaram os goals do Benfica; Aureliano assinalou os do Cuf.

A SUA CHEGADA A PORTUGAL:

## O CAPITÃO FERNANDO MATTOS DIRECTOR DO PAÇO D'ARCOS PRESTA DECLARAÇÕES À ANI

LISBOA, 18 (ANI) — «As cento e cinquenta bolas que nossa equipe meteu nas redes dos clubes contra os quais jogaram, contra dezessete goals que sofremos são bem elucidativos — respondeu o capitão Fernando Matos, presidente da direcção do Clube Desportivo Paço D'Arcos, em entrevista concedida a agência ANI, quando lhe perguntamos a sua opinião sobre o hoquei brasileiro. O Capitão Fernando Matos afirmou seguidamente: «O hoquei brasileiro está desenvolvido relativamente a muitos outros países, mas está ainda no princípio. Contudo se os clubes da modalidade continuarem a aperfeiçoar-se com persistência, poderão dentro de dois ou três anos fazer do Brasil uma grande potencia de hoquei patinado». Falando sobre as condições necessárias para o alcance de tal objetivo, o nosso entrevistado disse: «Para melhorar o hoquei brasileiro seria necessário substituir alguns elementos que já podem ser considerados veteranos. Há já 15 rapazes habilidosos que po-

derão dar boa conta de si. Contudo, o principal obstáculo para a melhoria do hoquei no Brasil é a falta de bons treinadores».

«Que disse do convite feito a Jesus Correia para ir para o Brasil como treinador?» — perguntamos.

«Teremos muita pena em perder tão bom elemento, o melhor hoqueista português, mas de nenhuma maneira faremos qualquer oposição, se esse for seu desejo» — respondeu o capitão Fernando Matos.

Retorquindo uma questão que lhe pusemos, o presidente da direcção Paço D'Arcos afirmou que o melhor conjunto contra o qual sua equipa jogou durante a viagem ao Brasil, foi o da seleção de São Paulo, e a melhor equipa de hoquei brasileiro era em sua opinião a do Clube Atlético de São Paulo.

Por último, o capitão Fernando Matos afirmou: «o acolhimento dos brasileiros e lusobrasileiros foi além de todas

as nossas expectativas. Foram momentos inolvidáveis que jamais esqueceremos e nos leam a desejar voltar breve ao

Brasil. Vimos verdadeiramente encantados.»

A massa associativa de Paço D'Arcos e representantes dou-

tros clubes homenagearam ontem a equipa de hoquei da coletividade por motivo de sua exibição no Brasil.



A valorosa equipe do Paço de Arcos que tanta admiração causou no Brasil, volta a Portugal satisfeita pela carinhosa atenção que lhe dispensou o povo brasileiro.

## O CHUTE

A opinião mais chutada da cidade  
Diretor, Editor e 1.º leitor JORMOR — N.º 1



FOTO DO DIA  
Apostaram que ganharia do «Boys» argentinos.

A seleção do Brasil que vai à Europa, já está mascarada. Até de Pavão se chamam os jogadores.

Se os lusos precisam de um numero 7 em campo, porque não contratam o Silvio Luiz?

Esta semana o prato

Os goleiros do Hoquei em patins brasileiros, são ateus. Não querem ver Jesus e Santos pela frente, nem de Correia.

DROGARIA CORINTIANA ANUNCIA: Para o socego de seu marido, use Talco JANSEN.

Para o Brasil ganhar no exterior, só mesmo com um Luizinho — (opinião corintiana).

### FILMES DA SEMANA

CINE LUSO — «Traição» — Um filme que seria nas cores rubro-verdes, mas que por imposição do astro «Liminha», vai ser rodado em preto e branco. Assim fica mais bonito.

CINE SANTOS — «Sombra Verde» — Com o milionário astro Jair Rosa Galo, (o crescimento do ultimo sobrenome se deve a velhice e à censura).

CINE PORTUGAL — «Perto do Céu» — Com o estrelado conjunto azul-branco da cidade Invicta.

do dia, é churrasco à argentina, acompanhada de chimarrão.

Nas Caldas, em respeito à Rainha, o F.C. do Porto deixou que o jogo ficasse empatado.

A Portuguesa virou rebelde. Bateu nos «nacionalistas».

O Santos para ganhar do Boca, precisou de um PAGÃO.

ONTEM: A seleção gaucha foi para o México.

HOJE: A Seleção Brasileira vai regressar do México.



# Portugal: Campeonato Nacional

## 23.a JORNADA

A jornada do Campeonato de Futebol da Primeira Divisão constituiu grande surpresa para todos os aficionados daquele desporto. Contra todos os prognósticos, o F. C. do Porto empatou com o Caldas; o Benfica venceu dificilmente o CUF; o Belenenses perdeu para o Barreirense e o Sporting empatou com o Covilhã. Ora habitualmente o Porto, Benfica, Sporting e Belenenses, os principais clubes portugueses, costumam ganhar com vantajada margem com os clubes que empataram ou perderam ontem.

A classificação não foi alterada, todavia o Porto, com dois pontos de vantagem, parece ter assegurado o título.

Com a jornada de ontem, terminou o período de entusiasmo do Campeonato, o qual é agora interrompido por três semanas devido à realização dos encontros internacionais da seleção nacional e da equipa militar.

### CLASSIFICAÇÃO ATUAL

Equipe	Pontos
F. C. do Porto	39
Benfica	37
Sporting	33
Belenenses	31
Sporting de Covilhã	27
Lusitano de Evora, Torriense e Barreirense	19
Vitoria de Setubal e Cuf	18
Caldas e Atletico	17
Academica	16
Braga	11

## CALDAS 3 PORTO 3

CALDAS DA RAINHA, 19 (ANI) — Os adeptos do clube local tiveram ontem um dia de festa pelo seu clube ter empatado por 3/3 com o F. C. do Porto, líder do campeonato. O Porto alinhou: Pinho — Virgílio e Osvaldo; Pedroto — Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte — Gastão — Jaburu — Teixeira e José Marildo. O Caldas formou: Rita — Amaro e Fragateiro; Antonio Pedro — Leandro e Romero; Orlando — Romeu — Bispo — Martinho e Lenine.

O encontro desenvolveu-se em toada de equilíbrio, revezando-se as duas linhas avançadas nos seus ataques. Durante o jogo, que decorreu animado, o Porto tentou diversas vezes organizar planos de ataque, mas as suas tentativas esbarraram contra o entusiasmo dos caldenses que estavam em tarde excepcional.

Bispo, Orlando e Romeu marcaram os goals do Caldas; Pedroto, Jaburu e Carlos Duarte os do Porto.



O CABECINHA está melhorando. Vejam os leitores o «pulo» do Batata, tentando burlar a vigilância de Mussimessi

### A um convite da Portuguesa de Desportos:

«ESTOU PRONTO A SEGUIR PARA O BRASIL SE A MINHA PROPOSTA FÔR ACEITA», declarou à ANI, Jesus Correia



«Não posso abandonar Portugal, sem as devidas garantias.»  
«Como um período de preparação é bem possível fazer grandes coisas da equipa de hóquei da Portuguesa.»

PAG. 5



O Campeão «esmurra» o Capitão Bauer na homenagem do Pacaembú

### O TORNEIO,

NA

# OBJECTIVA

ROBERTO G. PEDROSA



SANTA MARIA e Nena trocam gentilezas e flamulas antes dos 3 a 2.

“Virou” irresistível o Campeão dos Centenário, liquidando as pretensões do Newll's — Depois de um primeiro tempo apagadíssimo conseguiu chegar á vitória final a Lusa — O Boca Junior também não foi feliz, perdendo no período derradeiro para a nova equipe de Jair:

#### CORINTIANS X NEWLL'S

Proseguindo com o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, defrontaram-se sábado no Pacaembú, abrindo a rodada, Corinthians e Newll's Old Boys. Iniciaram meio indecisos os dois times, para logo tomar as redes da partida a equipe portenha, que começou a dar grande «stador» nos corintianos. Luizinho não conseguia realizar uma jogada certa no meio de campo com Roberto e por isso o ataque não andava. Enquanto isso Julião no centro da intermediária abriu um buraco enorme, por onde os argentinos soltavam a pelota e levaram o perigo para a meta do elástico Gilmar. Tornou-se forte a pressão contra a defesa corintiana, até que esta teve que ceder um tento para a equipe do Newll's. Nardielo foi o autor do tento, que abriu assim o caminho para a almejada vitória. Terminou a fase preliminar com um a zero no marcador e o Campeão dos Centenários dominado. Deve-se ressaltar ainda que o Corinthians não teve o dissabor de sofrer outros tentos em virtude da inteligente ação de Brandão, trocando Alan por Julião na zaga, e fazendo entrar Goiano para o comando da intermediária. Voltaram as equipes para o segundo período. O Newll's quis bisar o feito da etapa inicial, mas foi aí que Luizinho resolveu jogar e acabou com a festa dos «Boás». Com aquele jogo enfiado que possui, levou todo o Corinthians para o ataque. Fez o jogo de Claudio subir. Abriu brechas para a entrada de Baltazar e Paulo e acabou ele mesmo assinalando o gol de empate. Com o jogo nesse pé com o Newll's já amplamente dominado, com Luizinho «bailando» os patriotas de Gardel, foi que Rafael numa fulminante cabeçada, colocou nas redes de Mussimessi o tento de número dois do Corinthians que seria o da vitória. Os dois a um que marcaram mais uma das já famosas «viradas Corinthians» e quem sabe, um pouco de fosfato para Flavio Costa que, já não mais se lembrava do «motorzinho» Luizinho.

#### PORTUGUESA X NACIONAL

No domingo a Portuguesa de Desportos estreou no Torneio, e conseguiu até certo ponto uma expressiva vitória. Entrou com o pé direito a Lusa do largo São Bento. Apesar de sua apagadíssima atuação no primeiro período, quando «jogou pedrinhas» conseguiu no final vitoriar-se por três tentos a dois frente ao Nacional de Montevideú. Como dissemos a Portuguesa de Desportos não foi feliz no primeiro período. Fazendo um jogo de meio campo quase eficiente mas não passando dali, não conseguindo levar o balão para o terreno inimigo e assim criar alguma chance de gol. Falta um elemento para «alisar» melhor a redonda, trabalhá-la com eficiência, e lançar seus companheiros. Foi nesse período de franca deficiência da Lusa que o Nacional inaugurou o marcador com um magistral gol do endiabrado Romeiro.

Entrou Zé Amaro e as coisas melhoraram. Lisacimil veio completar a dupla de meio de campo, que faltara à Lusa. Esses dois elementos, executando um trabalho ótimo, empurraram o ataque, alimentando-o de bolas, e criando juntamento com o «vareta» Ipojuacan situações de real perigo para as balizas de Talbo. Foi numa dessas ocasiões que Jacomini largou a pelota para Ipojuacan, que começou a «desenhar», a mostrar aos defensores do Nacional as suas



CABEÇÃO SENSACIONAL — O arqueiro da Portuguesa de Desportos foi um assombro.

qualidades de «Mago», e acabou por colocar a bola no ângulo do gol dos Uruguaios, num desses tentos de quebra «espíngas» de arqueiros. Desapareceram as dificuldades da rubro-verde. Aos 17', Ipojuacan aparou um cruzado de Edmur e largou para Airtom a oportunidade de assinalar o segundo tento. Jacomini praticou propiciou a Caraballo a marcação do tento de empate, sem chance para Cabeção. Ipojuacan foi o autor do tento da vitória. Deslocou o beque e o goleiro com fintas, e deu a alegria para a torcida lusa.

Primeira partida dentro do torneio e uma vitória convincente do Grêmio do Largo de São Bento. Cabeção foi uma das grandes figuras da partida, praticando defesas sensacionais, como essa que ilustra esse comentário.

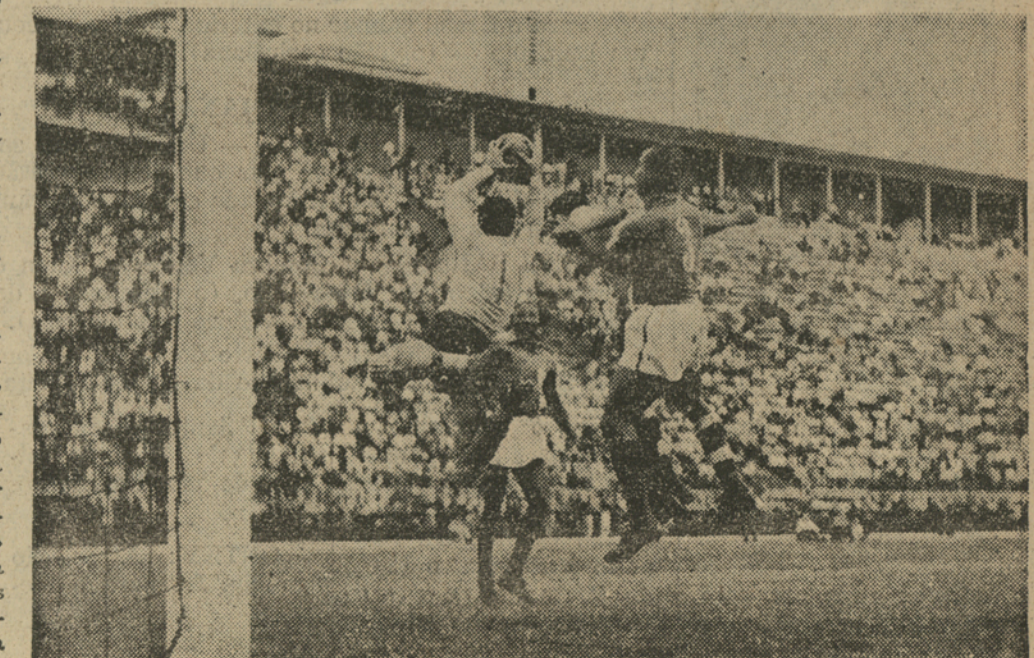
A renda foi de Cr\$ 307.840,00 e o arbitro da pejeja foi o Sr. Juan Carlos Armental com uma atuação muito fraca.

#### SANTOS X BOCA JUNIORS

Os Santistas receberam a visita do Boca Juniors em Vila Belmiro. O time argentino na primeira fase praece, queria fazer do Santos o «holandês». Com dois a zero no primeiro tempo, a seu favor, os portenhos estavam se vingando dos insucessos de suas apresentações, e logo por cima do Cam-

Logo aos três minutos Pepe fulmina o arco argentino com um cruzado, abrindo o caminho para a vitória final que seria a nota alegre da tarde santista. Um triunfo espetacular do alvi-negro praiano por três tentos a dois.  
Colangelo, Echevarri assina-

laram os gols dos argentinos. Vasconcelos, Pepe e Pagão, deram ao Santos os três tentos que lhe trouxeram a vitória.  
Fizeram assim amigos, os brasileiros, «barba e cabelo» na rodada que passou do Torneio Roberto Gomes Pedrosa (internacional). O alvi-negro da Capital «virou» sensacionalmente, passando de uma derrota, para uma expressiva vitória. O alvi-negro praiano também não quis ficar para trás e «virou» mais espetacularmente ainda. A Portuguesa de Desportos limitou-se. Perdendo de um a zero, foi para o ataque e conseguiu completar a obra de «irmãos», deixando os estrangeiros a ver navios. Nós estamos bons, ou eles estão ruins?



LUZINHO «bailando» o Leão do Brasil que a bola e o jogo são do Brasil! Será que Flavio Costa não vai levá-lo?